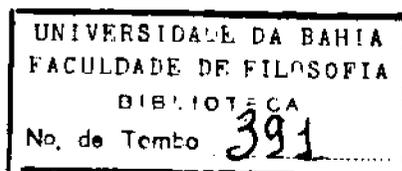


MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MIGRAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO:  
O CASO DO CIA

DISSERTAÇÃO APRESENTADA AO  
MESTRADO EM CIÊNCIAS HUMANAS  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL  
DA BAHIA

RACHEL MARIA DE ARAÚJO ANDRADE



SALVADOR — BAHIA — 1973

**Universidade Federal da Bahia - UFBA**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**

**Esta obra foi digitalizada no**  
**Centro de Digitalização (CEDIG) do**  
**Programa de Pós-graduação em História da UFBA**

**Coordenação Geral: Prof. Milton Moura**

**Coordenação Técnica: Luis Borges**

**2013**

**Contatos: [poshisto@ufba.br](mailto:poshisto@ufba.br) / [lab@ufba.br](mailto:lab@ufba.br)**

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa por nós realizada como dissertação final para o curso de Mestrado em Ciências Humanas da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia. Tem ele como tema geral um estudo da migração no Brasil e, em particular, do Centro Industrial de Aratu como polo de atração de migrantes.

Situamos o tema no momento presente, tomando como referência espacial a Bahia, ou mais precisamente, a área da Grande Salvador.

Achando importante uma justificativa do tema que remos dizer da nossa motivação em tomá-lo como assunto de pesquisa. Nos países latino-americanos e, de modo geral, nos países em vias de desenvolvimento, dois fenômenos demográficos têm trazido preocupações para os planejadores da economia e da vida social: o aumento global da população e sua concentração nas áreas urbano-industriais.

Esta segunda tendência, isto é, o fenômeno migratório, e sobretudo, o êxodo rural, de fenômeno esporádico vem se transformando num processo regular e contínuo nos países onde a estrutura econômica, voltada para a industrialização, começa a perder o caráter de uma economia tradicionalmente agrícola.

O êxodo rural foi um dos elementos que propulsionou e permitiu a industrialização e urbanização do Brasil, nas

dimensões em que tais fenômenos podem ser observados em nossos dias.

Industrialização e urbanização são dois processos que se acham estreitamente ligados. A cidade e a indústria se ajudam mutuamente. O crescimento da primeira propicia ao setor industrial uma infra-estrutura sólida - forças motrizes para a produção, meios de comunicação, comércio, serviços - enfim os elementos indispensáveis ao seu pleno funcionamento; por outro lado, o incremento do setor industrial tem como resultado a formação de núcleos urbanos cada vez mais importantes do ponto de vista econômico, social e político.

E, nesse sentido, a indústria e as grandes cidades são importantes fatores de mobilidade geográfica da população, na medida em que provocam o êxodo rural e, de modo geral, as migrações internas.

Compreendendo essa dinâmica, e, particularmente interessada em conhecer seus mecanismos de funcionamento, escolhemos como tema de nossa dissertação final de Mestrado o fenômeno das migrações internas, tomando como ponto de referência para tal estudo o Centro Industrial de Aratu, para verificarem que medida ele vem se constituindo num polo de atração de migrantes.

### 1.1 - Ideias diretivas

Como pontos de partida e orientação para a análise dos dados coletados, formulamos algumas idéias diretivas que

servirão de coordenadas básicas de nossa investigação:

- a pressão migratória para áreas onde se acham instalados centros industriais é resultado da combinação de fatores atrativos dessas áreas - expressos sob a forma de melhores oportunidades de trabalho e salário - que atuam paralelamente àquelas repulsivos das áreas de partida dos migrantes.

- em face do desequilíbrio existente entre o processo de desenvolvimento industrial e a situação da agricultura, na Bahia, a criação do polo industrial da Grande Salvador - Aratu principalmente, - vem constituindo um foco de atração para a população rural do Estado.

- a atração exercida pelo Centro Industrial de Aratu é mais acentuada sobre as populações de áreas mais próximas, onde mais facilmente se observa a difusão de informações a respeito de um possível mercado de trabalho.

- a população atraída para este polo de desenvolvimento industrial é acentuadamente jovem.

## 1.2 - Observações metodológicas

Tentando esclarecer da melhor forma possível os caminhos seguidos a fim de atender aos objetivos propostos, apresentaremos os procedimentos e critérios adotados durante o trabalho.

Inicialmente consideramos importantes uma referência teórica sobre o tema, seguida de uma síntese onde anali

samos o fenômeno das migrações internas no Brasil; para tanto, nos apoiamos, tanto quanto possível, na literatura existente sôbre a matéria.

Entretanto, necessário se faz aplicar esses referentes teóricos a uma situação concreta para testar em que medidamente determinados aspectos verificados com certa regularidade no Brasil, e na América Latina de modo geral, estão presentes no contexto a ser estudado. Os trabalhos escritos sobre o assunto apontam, sem maiores divergências, o processo de industrialização e a estrutura agrária das sociedades em desenvolvimento fatores relevantes do fenômeno da migração. O primeiro desses indicadores refere-se à atuação das áreas industriais como polos de atração de migrantes. Assim, nada mais justo que escolher o Centro Industrial de Aratu, recentemente instalado numa área próxima a Salvador, capital do estado da Bahia, como universo para nosso estudo.

São empiricamente constatáveis as mudanças bastante significativas que vêm ocorrendo, nesses últimos anos, na população da área circunvizinha ao CIA., em função da atração por ele exercida. Isso porque a publicidade que foi e continua sendo feita em torno desse parque industrial faz com que se intensifiquem as expectativas de muitas pessoas com relação ao número de empregos criados, com a implantação de empresas na referida área.

Tais expectativas motivam a corrida do campo e, de centros urbanos menores, de grande massa da população atraída pela grande oferta de empregos. Contudo, a reserva de popu

lação para responder aos estímulos da industrialização é bem maior que a capacidade do setor industrial de absorver esta população. Na verdade, o número de empregos criados com o CIA., ainda que considerável, torna-se limitado em face da grande procura. Embora muitos migrantes venham sendo absorvidos pelo mercado de trabalho, provavelmente, a maioria deles não conseguiu, por diversas razões, ingressar na força de trabalho industrial.

Desse modo, torna-se realmente muito difícil medir exatamente a intensidade desse fluxo migratório que se dirige às áreas próximas do núcleo industrial em busca de melhores condições de trabalho. Poderíamos, é certo, tomar como universo de investigação os empregados nas empresas já em fase de funcionamento no CIA. Em termos ideais seria, talvez, a alternativa indicada. Uma outra possibilidade - e por nós adotada - seria tomar como unidade de investigação o Núcleo Habitacional Rubens Costa, construído na área de habitação do CIA com o objetivo de alojar operários das indústrias ali instaladas. Decidimos concentrar nosso interesse na população aí residente, verificando a incidência de migrantes, a procedência e ocupação anterior dos mesmos, suas características e os motivos que os levaram a trabalhar no CIA.

A realização do levantamento em que se baseou o nosso trabalho exigiu certas deliberações; cabem, pois, algumas justificativas para os procedimentos utilizados e esclarecimento das dificuldades encontradas:

Das 800 unidades residenciais que compõem o uni

verso do Núcleo Habitacional Rubens Costa, tomamos uma amostra aleatória de 60% e vamos aqui justificar tal escolha. O critério adotado foi o mesmo utilizado pela Assessoria de Programação e Orçamento do Centro Industrial de Aratu quando da realização de uma pesquisa sócio-econômica na área, em agosto de 1971.

Considerando o caráter específico do Núcleo, por que vinculado a um parque industrial, uma amostra de 60% pareceu-nos, portanto, suficiente para assegurar uma boa margem de segurança nos resultados obtidos.

E foi muito bom deixarmos essa margem mais ampla porque, durante o levantamento de campo, surgiram algumas dificuldades, não sendo possível atingir-se os 60% estipulados inicialmente. Das 480 unidades habitacionais correspondentes a 60% do universo, 74 casas estavam fechadas e, segundo informações dos vizinhos, por ocasião da coleta de dados, algumas delas estavam, já há algum tempo, sem morador; em outras casas os moradores não se achavam presentes nas diversas ocasiões em que foram procurados pelas auxiliares de campo. Em 9 das unidades residenciais funcionavam estabelecimentos comerciais (armazens, vendas, farmácia, bar e frigorífico), em 3 delas, clínicas de urgência; uma escola, uma instituição assistencial e religiosa e uma Igreja Assembléia de Deus acham-se também instaladas em 3 unidades do Núcleo. Tais casos foram, obviamente, desprezados.

Aplicou-se, assim, 391 questionários sumários e algumas entrevistas tomando-se como referência o (s) morador(es)

da unidade residencial vinculado (s) ao CIA. Desse material é que foi retirado grande parte dos dados aqui utilizados no capítulo 4. As informações para preenchimento dos questionários foram fornecidas pelas mulheres ou, em alguns casos, mães dos operários. Sendo o trabalho de campo realizado durante os dias úteis eles se encontravam nos locais de trabalho.

Finalmente, queremos registrar um agradecimento ao Professor Machado Neto, aos professores do curso e, em especial, à professora Zahidé Machado Neto pelo incentivo e orientação que nos deu durante toda a fase de elaboração deste trabalho.

## 2. BASES TEÓRICAS DE APOIO

A estrutura demográfica de uma sociedade normalmente varia em função de um duplo movimento: o primeiro, resultado do crescimento natural ou vegetativo da população e determinado pelas diferenças entre as taxas de natalidade e mortalidade; o segundo, especial, relativo aos deslocamentos pacíficos de pessoas, implicando mudança de residência de uma área para outra e, em alguns casos, também, de estilo de vida e de trabalho. Este último movimento pode ser definido como fenômeno da migração.

Nosso objetivo central é estudar os movimentos de população circunscritos aos limites de uma sociedade politicamente organizada, as chamadas migrações internas; para tanto, pareceu-nos indispensável recorrer à literatura existente a que tivemos acesso. Assim, apresentaremos a seguir uma síntese do material teórico que trata dos aspectos gerais do fenômeno, da multiplicidade de suas formas e da ação simultânea, ou não, dos fatores de atração e expulsão de migrantes de uma área para outra.

### 2.1 - Quadro tipológico das migrações internas

Para se construir uma tipologia das migrações internas torna-se necessário, antes de tudo, fazer uma distinção entre o que se considera como população urbana e população ru

ral.

Os critérios utilizados para uma caracterização de população urbana e de população rural apresentam certo grau de arbitrariedade, dando margem a que os mesmos sejam definidos por estatísticos, demógrafos e outros estudiosos do assunto desde a forma mais simplificada, quase exclusivamente à base do número de habitantes que vive numa aglomeração, até as mais complexas, que a esse dado acrescentam outras variáveis consideradas básicas para melhor compreensão dos conceitos de população urbana e população rural.

Qual o significado desses dois elementos?

Os demógrafos fazem referência a um critério numérico ou quantitativo (mais comumente adotado, seja isoladamente ou associado a outros) que considera urbana a população de uma localidade quando esta atinge ou ultrapassa um número determinado de habitantes. (1)

Quando, além dos dados quantitativos, intervêm indicadores de ordem qualitativa torna-se bem mais completa a distinção entre o habitat rural e urbano, pois, além dos dados quantitativos atuam fatores de ordem qualitativa, por exemplo,

---

(1) - Critério bastante relativo que pode variar de país para país. Assim, "nos Estados Unidos, na Bélgica, nos Países Baixos, a população de uma localidade só é urbana quando conta com mais de 5 000 habitantes; na França, em Portugal, no México, na Argentina, esse número é reduzido a 2 000; na Colômbia, a 1 500". Paul Hugo - Demografia Brasileira, pág. 190.

a exigência de certo grau de desenvolvimento material da localidade para que sua população esteja incluída na categoria urbana.

Efetivamente, é muito difícil colocar uma realidade urbana em oposição a uma realidade rural e delimitar precisamente as duas áreas; onde termina uma e começa a outra.

"No caso de São Paulo, bom número de aglomerações classificadas como idades encontram-se psicológica e socialmente muito mais próximas da vida rural do que da urbana;" (2) por outro lado pode-se constatar certos casos de "aglomerações com menos de 2 000 habitantes que, devido à sua profissão não rural são realmente urbanos pelas atividades, trabalho, mentalidade." (3)

Outra dificuldade surge quando não há uma correspondência entre o habitat do indivíduo e sua atividade profissional. A fixação na zona rural não implica, necessariamente, no desempenho de tarefas agrícolas, podendo também se verificar a situação oposta, isto é, pessoas que trabalham como diaristas na agricultura habitarem em zonas urbanas. (4) O caso da lavoura paulista ilustra bem esta situação, principalmente nos períodos de colheita do algodão e café quando caminhões transportam

---

(2) - J. Francisco Camargo - Êxodo Rural no Brasil, pág. 46

(3) - J. Francisco Camargo - Êxodo Rural no Brasil, pág. 46

(4) - Fernando Henrique Cardoso classifica esses indivíduos como habitantes de "favelas rurais".

diariamente uma mão de obra volante da cidade para o campo e vice-versa.

No caso brasileiro, o critério utilizado pela Comissão Censitária Nacional, para definir os quadros urbano, suburbano e rural foi estabelecido com sentido mais amplo considerando que os núcleos que são sede administrativas deveriam ser, de fato, aglomerados urbanos de alguma importância. É o que se pode depreender do texto do Decreto Lei nº 311, de 2 de março de 1938 que fixou normas de sistematização para a divisão territorial do país.

"A experiência dos últimos censos parece ter mostrado que as características da população urbana nem sempre são respeitadas pela administração municipal por uma determinação válida das zonas correspondentes." (5) Uma solução apresentada pelo Professor Mortara para corrigir essas possíveis distorções foi a de considerar como urbana a população das zonas urbanas e suburbanas apenas quando ela for superior a 5 000 habitantes. A vantagem de tal limite seria a de eliminar uma população com características rurais, que de outra forma poderia vir incluída na categoria urbana.

Em nossa opinião o que melhor caracteriza essas duas grandes divisões da população em urbana e rural, e com ela está de acordo a grande maioria dos demógrafos é muito mais "o caráter das atividades, dos modos de vida e não propriamente a

---

(5) - Paul Hugon - op. cit., pág. 190

aglomeração, o número de habitantes da comunidade." (6)

A posição de Maria Isaura Pereira de Queiroz (7) é mais ou menos idêntica a esse respeito. Admite ela que a distinção entre grupos urbanos e grupos rurais deve ser feita muito mais em função das peculiaridades da organização do trabalho que pela localização no espaço e a forma de habitat.

Feitos esses esclarecimentos, passemos a discriminar os principais tipos de mobilidade da população no interior de um país.

Levando-se em consideração a maior ou menor distância que separa a área de origem da área de destino, as migrações internas são inter-regionais, quando a mobilidade geográfica se faz, num mesmo país, de uma região para outra, ou intra-regionais, quando os fluxos migratórios são efetuados dentro de uma mesma região.

Podem, ainda, as migrações internas ser classificadas em três grandes grupos de acordo com as características da zona de partida e chegada, tomando como variáveis as categorias rural e urbana.

a) migração inter-rural, movimento de população de uma área rural para outra também rural. É cabível se fazer

---

(6) - Castro Barreto - Povoamento e população - política populacional brasileira apud Francisco Camargo - op. cit. pág. 45.

(7) - "Por que uma Sociologia dos grupos rurais" in Sociologia Rural, pág. 15

uma distinção referente às condições da área de partida que, segundo Paul Hugon, (8) pode ser uma região de cultura de subsistência ou de uma agricultura de tipo comercial. No primeiro caso, o migrante abandona sua terra para se instalar numa região onde as formas de exploração agrícola atingiram níveis mais altos de desenvolvimento. As condições climáticas, a pressão demográfica ou o sistema agrário da área de origem levaram-na a se constituir num ponto de emigração por excelência. No segundo caso, o migrante parte de uma zona agrícola comercial dirigindo-se a uma outra onde a agricultura apresenta mais altos índices de crescimento ou, pelo menos, de crescimento igual ao de sua região de origem.

b) a migração rural-urbana, mais comumente denominada de êxodo rural, caracteriza-se pela emigração de grande número de pessoas de zonas rurais para centros urbanos, (9) significando uma transferência da força de trabalho ocupada na agricultura e pecuária para atividades urbanas. Tal fenômeno mostra-se mais intenso nos períodos de transformação da estrutura econômica de um país, particularmente naquele em que se acelera o processo de industrialização.

A migração rural-urbana pode se efetuar sob duas formas: migração cíclica também denominada sazonal e migração

---

(8) - op. cit. pág. 188

(9) - Esse tipo de migração se dá também em sentido inverso, isto é, da cidade para o campo, embora não se verifique com muita intensidade.

permanente. Estariam incluídos no primeiro caso aqueles indivíduos que deixam suas comunidades em períodos anuais conhecidos, chamados, geralmente, períodos de entre-safra e que variam de acordo com o tipo de atividade agrícola em que estão empregados. Saem, via de regra, desacompanhados da família, o que é perfeitamente explicável por se tratar de um curto período de permanência na cidade. (10)

Denomina-se migração permanente quando os trabalhadores rurais se radicam definitivamente na cidade ou, pelo menos, quando tal mudança implica num afastamento prolongado do grupo de origem. (11) Os casados, muitas vezes, mudam-se com toda a família ou decidem viajar inicialmente sozinhos, deixando no campo filhos e esposa (esta com responsabilidades econômicas e sociais frente à ausência do marido) a quem vai buscar depois de alcançar certa estabilidade no novo ambiente. (12)

c) está ainda incluída entre os movimentos internos de população, a migração inter-urbana que engloba os deslocamentos de população de uma área urbana para outra igualmente

---

(10) - A migração sazonal também se dá frequentemente partindo de uma área rural para outra igualmente rural.

(11) - Na maioria dos casos não se trata de um rompimento total já que continuam mantendo uma série de vínculos de tipo econômico, social, familiar ou comunal com sua comunidade de origem.

(12) - Esse tipo de migração é também denominado de "migração por etapas."

urbana. Esse tipo de migração é muito frequente partindo de cidades menores para centros mais adiantados - metrópoles e cidades industriais.

## 2.2 - Fatores que se constituem em razões de migração

Procurando analisar de forma mais aprofundada as razões reais do êxodo rural, podem ser apontados alguns fatores considerados básicos para melhor compreensão de tal fenômeno: de um lado, como fatores de expulsão do campo, estariam o tipo de estrutura agrária, a introdução de novas técnicas na agricultura e o forte crescimento natural da população rural, (13) por outro lado, o desequilíbrio do processo de desenvolvimento econômico (criando enormes distâncias econômicas e sociais entre campo e cidade, ou mesmo entre regiões) e o processo crescente de industrialização de certos núcleos urbanos atuam fortemente como polos de atração de migrantes rurais e de populações provenientes de centros urbanos menos desenvolvidos.

O baixo nível de vida das populações do interior de muitos países, sobretudo nas regiões onde predominam as grandes propriedades rurais, a conservação de práticas tradicionais de valorização do solo (basicamente empíricas) e, principalmenen

---

(13) - Outras causas do êxodo rural seriam as calamidades naturais (incidência de prolongados períodos de seca, por exemplo) que a técnica moderna ainda não pôde eliminar.

te, a impossibilidade de acesso ao meio essencial de produção - a terra -, leva os indivíduos a buscarem melhores condições de vida, experimentando novas fontes de produção já que o seu meio não dispõe de condições de prendê-los. Qualquer oportunidade que surja significa um atrativo para o homem do campo, convertendo-o em migrante.

Sendo assim, a inelasticidade da produção agrícola, o tipo de exploração dominante e as formas arcaicas de relação de trabalho afastam o trabalhador da área rural de origem, para a cidade, onde imagina encontrar melhores possibilidades de trabalho, salário e condições gerais de vida.

O incremento natural da população rural deve-se, em grande parte, à alta taxa de natalidade (consideravelmente mais elevada que a da população urbana) e à pronunciada tendência à diminuição das taxas de mortalidade,<sup>(14)</sup> fenômeno característico da evolução demográfica contemporânea e resultante dos progressos alcançados pela medicina.

A forte "pressão vegetativa do campo" cria um desequilíbrio entre a mão de obra disponível e o emprego que pode resultar numa saturação absoluta ou relativa do fator humano. Tal situação estimula os deslocamentos de trabalhadores agrícolas para outras áreas rurais onde sejam melhores as possibilidades de trabalho ou para atividades na indústria ou servi

---

(14) - Diminuição nem sempre muito expressiva nas áreas mais atrasadas, mas, sempre sensível.

ços nas zonas urbanas. Esse esquema tem validade sobretudo em áreas agrícolas evoluídas, quando as inovações introduzidas nos processos de cultura da terra, na criação de animais, no beneficiamento de produtos ou nos meios de transporte dos locais de produção para os centros de consumo constituem fatores nitidamente favoráveis à liberação de ponderável porção de mão de obra rural. (15)

O desenvolvimento da técnica aplicada à agricultura, aumentando a produtividade do trabalhador, permite a ampliação da oferta de produtos agrícolas, embora ponha em disponibilidade uma parcela da mão de obra empregada. E, em qualquer parte onde se aplique à agricultura o progresso técnico, possibilitando uma produção capaz de satisfazer a procura com menor número de trabalhadores, ocorrerá o fenômeno do êxodo rural.

Elemento considerado, muitas vezes, de fundamental importância para explicar os fluxos migratórios do campo para a cidade é o desequilíbrio existente entre o processo de crescimento do setor agrícola se comparado ao setor industrial.

"Nas nações hoje industrializadas, urbanização, industrialização e elevação da produtividade agrícola marcharam igualmente, assegurando um certo equilíbrio na sociedade global. Tal correlação não parece existir nos países do Ter

---

(15) - Fenômeno típico de países onde se introduziu no setor agrícola uma tecnologia bastante desenvolvida.

ceiro Mundo. Crescimento urbano e crescimento da agricultura estão dissociados. Esse desequilíbrio além de causar graves perturbações é um verdadeiro processo cumulativo de subdesenvolvimento."(16)

Quando um país apresenta no seu processo de desenvolvimento esse fator de desequilíbrio, isto é, quando se desenvolve uma política de incentivo aos investimentos no setor secundário de sua economia em detrimento das atividades agrícolas, os polos industriais passam a atuar, fortemente, como fator de atração propiciando o deslocamento das populações agrícolas para esses centros mais desenvolvidos. Isto, de referência ao desequilíbrio entre setores da economia, mas, há que se considerar que o crescimento das regiões mais industrializadas se processa em ritmo cada vez mais acelerado, aumentando as diferenças estruturais e as distâncias entre níveis de vida, gerando, assim, um desequilíbrio regional num mesmo país. "Essa acentuação progressiva das desigualdades econômicas e sociais entre regiões é de observação geral. O livre jogo das forças de mercado suscita um processo de enriquecimento progressivo nas regiões mais ricas."

E os centros urbano-industriais mais desenvolvidos, na medida em que podem oferecer vantagens em termos de em

---

(16) - Gilbert Blardone - Progrès économique dans le tiers monde. pág. 95

(17) - Paul Hugon - op. cit., pág. 201

prego, salários mais altos, melhores oportunidades culturais e educacionais estimulam, fortemente, as migrações internas<sup>(19)</sup> para essas áreas. No mundo inteiro são as cidades de mais de 20 000 habitantes que possuem as taxas de crescimento mais fortes. Tal situação deriva da atração que a cidade exerce sobre os migrantes, efeito que aumenta paralelamente à importância da mesma e que se analisa essencialmente nas múltiplas vantagens das condições de emprego que se desenvolvem ao mesmo tempo que a cidade. "A industrialização e a urbanização - como estruturas de enquadramento e de funcionamento - estão, de fato, estreitamente ligadas." <sup>(20)</sup> Quanto mais a cidade cresce mais ela tem condições de fornecer às indústrias uma infra-estrutura sólida - forças motrizes para a produção, transportes, comunicações, comércio para a circulação dos produtos - enfim os elementos necessários a seu pleno desenvolvimento.

As cidades grandes e a indústria são, pois, importantes fatores de mobilidade demográfica na medida em que provocam o êxodo rural e as migrações internas, em geral.

O desenvolvimento dos meios de comunicação também pode ser considerado, em certa medida, como um elemento estimulador de migração interna. Tais progressos permitem a difusão de imagens culturais das áreas mais modernas até as mais

---

(19) - Êxodo rural e, também, migração de uma área urbana para outros centros urbanos mais desenvolvidos.

(20) - Paul Hugon - op. cit., pág. 225

afastadas, provocando uma maior irradiação dos padrões de consumo e estilos de vida próprios de regiões mais desenvolvidas. Tem papel relevante a constituição da rede de transportes permitindo e facilitando a mobilidade geográfica da população no interior de um país.

### 2.3 - Os primeiros contatos com a cidade grande e os mecanismos de inserção no mercado de trabalho urbano-industrial

A adaptação do trabalhador (seja ele proveniente de zona rural ou de centros urbanos mais atrasados) às novas condições de vida impostas pelo mundo industrial-urbano só se faz através o abandono gradual das estruturas tradicionais e a incorporação em sistemas mais complexos de produção e vida social.

Os primeiros contatos com a cidade grande constituem, geralmente, um período bastante difícil<sup>(21)</sup> pois, vindo de regiões pouco desenvolvidas o migrante ainda não está apto para executar as tarefas exigidas pela sociedade industrial. "Operário sem especialização, ele só conhecerá no início as ta

---

(21) - Uma maneira de amenizar essa fase de adaptação (no caso de migrantes rurais) é a situação denominada "migração por etapas," isto é, a passagem de uma zona rural para outra mais evoluída antes de chegar à área urbana. Assim o impacto seria menor e a adaptação se faria menos dificilmente.

refas mais duras, menos remuneradas e menos estáveis. Suas condições de vida são, frequentemente, as mais precárias; não raro, nos grandes centros industriais, em casebres miseráveis, elas apresentam seu aspecto mais terrível e onde se tem a impressão de que o êxodo rural não teve outro efeito senão o de transformar a pobreza rural em miséria citadina."(22) Para muitos a mudança não representa nada mais que essa situação.

Naqueles aspectos referentes às oportunidades de emprego verifica-se que o jovem migrante, frequentemente, não pode sequer oferecer-se como mão de obra por desconhecer os mecanismos mais gerais que controlam a participação no mercado de trabalho, isto é, informações referentes à oferta, maneira de conseguir e efetuar uma adaptação entre suas capacidades pessoais em termos de qualificação e as exigências dos empregos disponíveis.

Neste momento o despreparo do migrante dificulta uma competição no mercado industrial e urbano. Não dispondo de um nível de qualificação pelo menos razoável, as possibilidades de encontrar emprego são muito restritas vez que o mercado de trabalho, nesse particular, se apresenta bastante exigente. Despreparado, sem capacitação profissional definida, o migrante é forçado a aceitar qualquer emprego, sendo absorvido pelos níveis mais baixos na escala ocupacional e, consequentemente, pelos de mais baixa remuneração.

---

(22) - Paul Hugon - op. cit., pág. 228

Outro ponto que merece ser explicitado é que à medida que o mercado de trabalho se organiza em moldes burocráticos, passa-se a exigir do trabalhador-migrante, pelo menos, o reconhecimento legal da sua condição; em outras palavras, para se oferecer como mão de obra necessita possuir documentos.<sup>(23)</sup> Sem a documentação, situação mais frequente, vê-se à margem do mercado constituído e, conseqüentemente, fora da proteção legal outorgada ao trabalhador, marginalizando-se dos sistemas mais produtivos e de mais alta remuneração. Nestas condições resta-lhe o subemprego. Tal situação cria um ambiente favorável à integração do migrante no mercado de trabalho urbano-industrial apenas na medida em que são iniciais e temporárias, permitindo um primeiro reajuste às condições de vida urbana e à obtenção dos requisitos necessários à categoria de trabalhador regularmente admitido. Alguns, portanto, terminam sendo absorvidos pelo sistema urbano-industrial. "A cidade que o havia atraído, mas que de início só lhe permitia assistir ao espetáculo, pouco a pouco vai lhe permitir participar e se integrar nela, definitivamente."<sup>(24)</sup>

---

(23) - Carteira do Ministério do Trabalho, Título de eleitor, carteira de identidade.

(24) - Paul Hugon - op. cit. pág. 228

### 3. MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL

#### 3.1- Histórico

Embora não se disponha de informações muito precisas sobre as correntes migratórias anteriores a 1940, sabe-se que os movimentos de população no Brasil datam de muito tempo. Poder-se-ia mesmo reportar ao período colonial quando os indígenas, nômades por excelência, viviam se deslocando de uma área a outra por todo o território nacional, cultivando terras ora num lugar, ora noutro. Também os negros, quando conseguiram romper a fiscalização dos engenhos, fugiam dos canaviais do litoral, embrenhando-se no interior do país. Essas referências foram apontadas apenas para demonstrar que a migração interna longe de ser um fenômeno recente entre nós, existia desde o tempo do Brasil Colônia.

Juarez Brandão Lopes<sup>(25)</sup> fala de "movimentos relativamente curtos, circunscritos à região" referindo-se às migrações na região Nordeste, do Sertão para o Litoral, decorrentes das grandes estiagens.

Foi, entretanto, a partir de 1877 que se iniciou o êxodo de nordestinos para fora da região. A longa duração

---

(25) - Juarez Brandão Lopes - Desenvolvimento e Mudança Social,  
pág. 57

(2 anos) da seca, nesse período, levou alguns retirantes à Amazônia atraídos pela borracha e estimulados pelo Governo.

"Pela primeira vez, porém, a Nação tomou consciência do flagelo. A seca nordestina passou a ser problema nacional. As primeiras medidas do Governo Federal foram tomadas". (26) O êxodo de nordestinos para a Amazônia se prolongou até 1920, quando a crise da borracha acarretou a redução desse fluxo e, paralelamente, tem início a migração de populações nordestinas para as lavouras de café no estado de São Paulo, em substituição do imigrante europeu. "O Brasil teve de recorrer a imigrantes europeus para suprir os claros do estado de São Paulo, pois era mais fácil deslocar o estrangeiro do que o homem do interior. Foi só depois da Primeira Guerra Mundial que a população do Brasil se pôs em movimento, movimento esse que, depois da Segunda Guerra aumentou de tal maneira que chegou a causar inquietações." (27)

Tal afirmação é verdadeira na medida em que se verifica, pelos dados dos últimos Censos, a intensidade dos movimentos de população no Brasil, sobretudo os índices de imigração naquelas unidades da federação onde essas taxas já se apresentam bastante elevadas.

Como se pode ver, a migração interna não é fenômeno novo no Brasil mas, a sua intensidade, hoje, as proporções

---

(26) - Juarez Brandão Lopes - op. cit. pág. 57

(27) - Juarez Brandão Lopes - op. cit. pág. 57

que assumiu e suas consequências têm sido objeto de reflexão para os estudiosos do assunto.

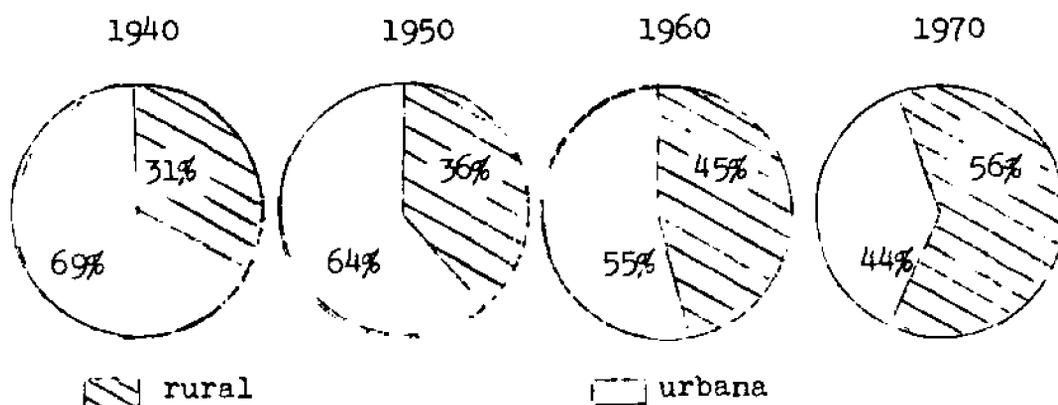
Os fatores que estimulam o deslocamento dos indivíduos de uma área para outras áreas, os diversos tipos de migração e os aspectos gerais do fenômeno serão temas por nós tratados neste capítulo.

### 3.2- Tipos de migração no Brasil

As migrações de caráter inter-regional, no Brasil, poderiam ser classificadas em dois grandes grupos, ficando em primeiro lugar os fluxos que se dirigem de regiões agrícolas para outras regiões também agrícolas; casos que ilustram esse primeiro tipo são as migrações de áreas rurais do Nordeste para as lavouras do Sul e Sudeste do país e, também, os deslocamentos das lavouras paulistas para os cafezais do norte do Paraná. Em seguida, viriam os deslocamentos de trabalhadores de áreas rurais para os centros industriais do país, especialmente para o estado de São Paulo.

Podemos, de certa forma, medir a tendência ao êxodo rural e sua intensidade comparando, pelos dados dos Censos, a proporção de população rural na população total. Tal análise nos permite verificar uma diminuição gradativa da população rural acompanhada de um crescimento da população urbana. Cada vez mais se intensifica esse fenômeno entre nós, conforme se pode observar no gráfico e na tabela que se seguem:

População rural-urbana (28)



População rural total nas regiões do Brasil (29)

Regiões	% da população rural total			
	1940	1950	1960	1970
Norte	72,3	68,5	62,2	54,9
Nordeste	76,5	73,6	65,8	58,0
Sudeste	60,6	52,5	42,7	27,2
Sul	72,3	70,5	62,4	55,4
Centro-oeste	78,5	75,6	65,0	51,7
Total	68,8	63,8	54,9	44,0

Fonte: Recenseamento e Sinopse Preliminar-1970

(28) - Paul Hugon - op. cit. pág. 206

(29) - apud Paul Hugon - op. cit. pág. 206

No Brasil se verificou uma diminuição relativa da população rural de modo geral, sendo mais acentuada em certas regiões do que em outras.

Desde a segunda metade do século XIX o Nordeste se caracterizava como sendo uma área de dispersão populacional que fornecia emigrantes para povoar outras regiões do país.<sup>(30)</sup> É, entretanto, a partir de 1920 que toma impulso a migração dos estados do Norte e Nordeste em direção a São Paulo, Esses deslocamentos acham-se intimamente ligados à cultura cafeeira.

"Nas duas décadas que vão de 1930 a 1950 pode-se com segurança afirmar que foi a mão de obra de São Paulo, da Bahia, de Minas, de Alagoas, de Pernambuco, do Ceará e da Paraíba que forneceu a força de trabalho com que o Brasil constituiu a prosperidade paulista."<sup>(31)</sup> A migração nordestina dirigia-se quase que exclusivamente para a agricultura paulista (café, algodão, etc.) onde havia uma oferta de empregos bastante elástica para a mão de obra vinda de outros estados. Isso ocorria porque os centros industriais do sudeste brasileiro, principalmente aqueles instalados no então Distrito Federal e em São Paulo, estavam absorvendo, para o setor secundário, a população rural da região. Tal situação favorecia a saída de migrantes do Nordeste para essa área.

---

(30) - Mesmo antes deste período grande quantidade de nordestinos emigrava em busca de melhores condições de vida e trabalho para outras regiões brasileiras.

(31) - L.A. Costa Pinto apud J.F. Camargo - Êxodo Rural no Brasil. pág. 123

É significativo ressaltar que a tendência dos fluxos migratórios para São Paulo, inicialmente para a agricultura, passam a se dirigir, depois de algum tempo, para outros setores da atividade econômica.

A indústria paulista, a ascensão de trabalhador agrícola (em caso de êxodo rural) a operário de grandes indústrias, os salários mais altos, enfim, todas as vantagens que a grande cidade pode oferecer têm atraído milhares de nordestinos a São Paulo. Isso é por demais conhecido e já exaustivamente comprovado. Juarez Brandão Lopes, por exemplo, num estudo realizado em 1956/58 em uma indústria paulista observou que um quarto de seus operários (não qualificados e semi-qualificados) era constituído de indivíduos procedentes do nordeste brasileiro e da Bahia. (32)

Ao lado dessas correntes principais, outras, partindo das regiões sudeste, sul e principalmente do nordeste dirigem-se ao norte e centro-oeste brasileiro; são os fluxos que se dirigem sobretudo de Minas Gerais, Bahia e estados nordestinos, para Goiás.

Cabe ainda uma pequena referência às migrações de trabalhadores para as chamadas zonas novas à procura de serviços públicos. Caso típico e recente dessa migração é o deslocamento de homens do nordeste e centro-oeste do país para o trabalho de construção das rodovias Transamazônica e Perime

---

(32) - Cf. Juarez Brandão Lopes - op. cit. pág. 62

tral-Norte estimulada pelo próprio plano de integração - rodovia e colonização - a que se propõe o Governo Federal.

Com referência às migrações intra-regionais, destacam-se aquelas correntes que partem do Piauí e Ceará para o Maranhão e do Rio Grande do Sul para Santa Catarina, ainda que nenhuma delas seja realmente significativa. Também para esse tipo de migração São Paulo atua como polo de atração; os mais numerosos deslocamentos de um estado para outro no período 1940-1950 se verificaram de Minas Gerais para São Paulo na ordem de 512 736 migrantes.

Dado que as cidades maiores e a indústria exercem atração sobre o conjunto da área que as cerca, caberia lembrar os fluxos migratórios que num mesmo estado se dirigem do interior (zona rural ou urbana) para a capital, principalmente, ou mesmo para outras cidades maiores do estado. Embora não tenhamos encontrado nos autores consultados denominação específica para esse tipo de migração, parece-nos acertado denominá-la de migração intra-estadual já que a mobilidade está circunscrita a uma só unidade da federação. (33)

No nordeste brasileiro teríamos dois casos bem típicos dessa situação: Recife e Salvador. Dados do IBGE mostram que 76% da população urbana de Recife é formada por fluxos

---

(33) - Embora sem maior significação, a migração intra-estadual se efetua também de uma área rural para outra igualmente rural e, em menor escala, de centros urbanos para zonas rurais.

migratórios, cujos componentes, em sua maioria, têm como área de origem a zona rural do estado de Pernambuco, embora a cidade conte com grande número de habitantes vindos de outros estados do nordeste - 61 158 paraibanos, 24 500 alagoanos e 18 600 potiguares. (34)

A situação é mais ou menos idêntica em Salvador onde o saldo migratório de sua população de 1940 a 1950 foi de 46 644 habitantes, chegando a 76 090 no decênio subsequente e atingindo um total de 85 916 habitantes no período que vai de 1960 a 1968. (35) O Censo Demográfico de 1970 - Bahia registrou um total de 297 584 pessoas não naturais de Salvador e aí residentes, sendo que 236 871 desse total é proveniente do interior do estado da Bahia, (36) sobretudo da chamada "zona de influência predominante" de Salvador que compreende as regiões do Recôncavo (a mais próxima, mais povoada e melhor servida pelos meios de comunicação), Feira de Santana e Jequié. Em menor escala migrantes de todo o interior do estado chegam à capital, fixando-se aí como residentes. (37)

---

(34) - Cf. Ivan Mauricio - "A nova guerra dos Mascates" in Opinião. 30/7 a 07/08/1973.

(35) - Programa de Recursos Humanos - A Dinâmica Populacional de Salvador. pág. 91

(36) - Fundação IBGE - Censo Demográfico - Bahia - 1970 pág. 369/371

(37) - Cf. Jacqueline B. Garnier - "As migrações para Salvador" in Boletim Baiano de Geografia. pág. 524

Finalmente falaremos da migração sazonal ou temporária. Na região nordeste, por exemplo, este movimento de população se processa entre o agreste e o sertão, de um lado, e a zona da mata onde predominam as culturas da cana de açúcar e de cacau, de outro. A dinâmica dessa saída temporária está ligada ao fato de os trabalhadores (cultivando terras próprias ou alheias) dedicarem-se à cultura do algodão (produto para comercialização), além do milho e feijão produzidos para a subsistência. No agreste se ocupam com o trato de suas pequenas culturas de fevereiro a março - preparando o terreno, plantando, limpando - até setembro e outubro quando, consumidos o milho e o feijão necessitam de dinheiro para a sobrevivência; como nos seus roçados só há o algodão para a colheita, trabalho que pode ser executado por mulheres e crianças, tratam de migrar para a zona açucareira, onde usinas e engenhos estão necessitando de braços para a colheita e moagem da cana. (38)

O fluxo migratório dirige-se, frequentemente, para o vale do Ceará Mirim (Rio Grande do Norte) onde por razões geográficas as etapas de plantio e colheita da cana são executadas simultaneamente, obrigando, assim, as usinas a duplicarem o número de trabalhadores.

A situação apresenta-se menos complexa na zona

---

(38) - Esses trabalhadores recebem, na zona da mata, várias de nominações, como por exemplo, "corumbas," "baatingueiros" ou "curaus."

canavieira do estado da Paraíba; aí não se verifica a coincidência nas etapas do plantio e colheita (sendo a área menos úmida o plantio pode ser efetuado numa fase anterior à colheita) e, assim, o acréscimo do número de trabalhadores na época da safra é de apenas 20% sobre o total empregado no inverno.

A região cacauceira (sul da Bahia) também chegam correntes migratórias desse tipo. Isso porque sendo o cacau uma cultura permanente (não existe a preocupação anual com o plantio) há uma sensível diferença entre os períodos de safra e entre-safra no que se refere ao número de trabalhadores ocupados. Como a colheita é muito prolongada, estendendo-se praticamente de abril a dezembro (com um intervalo curto no mês de agosto), há uma grande quantidade de migrantes que se desloca do nordeste da Bahia e de Sergipe para trabalhar nessa área. (39)

Também na Bahia, uma pesquisa realizada pela Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social<sup>(40)</sup> com os trabalhadores das plantações de arroz, analisando a mobilidade geográfica

---

(39) - Cf. Bando do Nordeste do Brasil S/A - Recursos e Necessidades do Nordeste. Neste trabalho se considera ainda como migração sazonal os deslocamentos dos vaqueiros acompanhando o gado de áreas secas ou inundadas para outras regiões. Seria até certo ponto discutível enquadrar a mobilidade desses trabalhadores no fenômeno migratório. Parece-nos mais acertado considerá-la como um deslocamento em função de um trabalho.

(40)-Mão de Obra no Setor Primário - cultura do arroz- pág.118

ca dos mesmos constatou que muitos deles deslocavam-se cinco, seis e até sete vezes para São Paulo, no período do desemprego sazonal, reintegrando-se pouco tempo depois à sua comunidade e às tarefas agrícolas.

### 3.3- Fatores de migração no Brasil

O fenômeno da migração rural-urbana no Brasil está intimamente ligado e deriva mesmo da estrutura agrária do país. A estrutura vigente, ao estabelecer o regime de grandes propriedades e formas tradicionais de relação de trabalho, atua como fator de expulsão do trabalhador rural de sua área de origem. Por outro lado, o desequilíbrio do nosso processo de desenvolvimento econômico, apoiando-se nos incentivos fiscais concedidos à indústria, em detrimento das atividades agrícolas, e com que os polos industriais brasileiros, particularmente aqueles instalados na zona sul do país, constituam um forte fator de atração para as populações de áreas menos desenvolvidas, estimulando assim o deslocamento para esses grandes centros industriais.

No Brasil o crescimento desigual das economias regionais e dos respectivos níveis de vida representam uma das causas mais determinantes das migrações internas. Observa-se regiões com uma economia agrícola de caráter essencialmente tradicional e com um setor industrial incipiente, ao lado de outras mais desenvolvidas graças a um setor agrícola incorporado a uma economia de tipo capitalista e, principalmente, à existên

cia de um parque industrial.

Em âmbito nacional a consolidação econômica dada à região sudeste e, sobretudo, ao estado de São Paulo, teve início com a cafeicultura que, favorecendo o estabelecimento de condições necessárias à industrialização, passou a atuar, após a sua implantação, como verdadeira "bomba de sucção" da população de outras áreas do país.

É certo que não apenas São Paulo, capital econômica do país, atua como polo de atração de migrantes; aí o fenômeno é mais significativo. Entretanto, os fluxos migratórios se dirigem também a Guanabara e Minas Gerais (região sudeste), Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (região sul) e Pernambuco e Bahia (no nordeste), onde se instalaram os maiores parques industriais de cada uma dessas regiões, conforme se pode ver no quadro que se segue:

Setor industrial (41)

Unidades da Federação	Nº de estabelecimentos	Valor do produto	Ressoal ocupado	Força motriz
São Paulo	36 254	658 067 422	831 339	2 647 865
Guanabara	5 328	111 319 540	176 636	364 510
Minas Gerais	12 372	71 445 397	140 268	422 894
Paraná	6 417	47 063 544	68 455	236 099
Santa Catarina	5 900	26 334 875	69 682	201 059
Rio G. do Sul	12 629	85 245 397	134 630	362 620
Pernambuco	3 606	32 998 271	72 058	187 637
Bahia	5 950	22 348 946	50 023	63 500

Fonte: Censo Industrial - 1960

(41) - apud Paul Hugon. op. cit. pág. 230

É surpreendente o crescimento populacional das áreas urbanas desses estados, particularmente de suas metrópoles; e, nesse sentido, a contribuição do êxodo rural e, de modo geral, das migrações internas é bastante significativo.

E por que as cidades industriais atraem migrantes? A primeira explicação seria a expectativa de encontrar trabalho na indústria ou serviços urbanos, dado que a cidade pode oferecer uma diversidade considerável e crescente de atividades nos setores secundário e terciário, com a proliferação do comércio em geral e dos serviços privados. Com referência aos migrantes rurais a esperança de um trabalho mais estável atua como estímulo à mudança. Para o trabalhador habituado aos trabalhos duros da roça, as atividades urbanas lhes parece menos cansativas fisicamente, além de estar assegurado pela legislação trabalhista. Os níveis mais altos de remuneração e a possibilidade de elevação do nível de vida, na medida em que melhorem as condições de alojamento e alimentação, são também as aspirações de todo migrante que chega à metrópole industrial. Todas essas características do mundo urbano, aliadas à possibilidade de ascensão social, aquisição de conhecimentos, mais amplas alternativas de lazer contribuem decisivamente para o crescimento populacional das grandes metrópoles brasileiras, especialmente aquelas situadas no centro-sul do país, em detrimento das áreas rurais e centros urbanos menos desenvolvidos.

No recenseamento de 1960 a população urbana, no Brasil, representava 46,3% da população total. O fenômeno da urbanização foi tão forte nesses últimos dez anos que, pelos

resultados do Censo de 1970 esse percentual se elevou a 55,9% da população total. E, pela primeira vez em nosso país, a população urbana ultrapassou os índices da população rural.

O processo de urbanização não apresenta homogeneidade em todo o território nacional variando segundo as regiões do país, conforme mostra a tabela que se segue:

Distribuição da população urbana pelas regiões do Brasil  
(% da população total)

Regiões	Períodos			
	1940	1950	1960	1970
Norte	3,1	3,08	3,0	3,1
Nordeste	26,2	25,2	24,0	22,0
Sudeste <sup>(42)</sup>	56,1	57,1	55,6	55,4
Sul	12,3	12,2	13,9	14,0
Centro-Oeste	2,09	3,0	3,2	4,7
Brasil	31,2	36,1	46,3	55,9

Fonte: Sinopse Preliminar do Censo de 1970

---

(42) - Nessa região se encontram as 3 mais populosas cidades do Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Há que se considerar que o aumento da população urbana não deriva do seu crescimento natural; <sup>(43)</sup> tal crescimento é provocado, em grande parte, pelas migrações internas. Mas, esse acelerado processo de urbanização, no Brasil, não permitiu que as cidades grandes se preparassem para enfrentar o aumento da população produzido pelas migrações. O mundo urbano-industrial não tem condições de acolher todos os migrantes (veja-se, por exemplo, os problemas de ordem habitacional e educacional) e, muito menos, de absorver no mercado de trabalho toda essa força de trabalho disponível; tal incapacidade é francamente visível quando se observa os índices de subemprego, de desemprego, ou ainda, de delinquência e criminalidade.

Outra razão, não tão fundamental atualmente, entre as já apontadas que pode explicar as migrações de nordestinos são as calamidades, sobretudo a incidência de prolongados períodos de seca, as más condições climáticas, enfim "uma natureza que ainda não está na medida do homem - que vive obsecado pela fome, doença e pela morte." <sup>(44)</sup>

Finalmente, o desenvolvimento e a multiplicação dos meios de comunicação de idéias no Brasil vêm possibilitando a comparação entre situações econômicas e níveis de vida do Nordeste e Sul do país ou mesmo entre duas áreas de uma mesma

---

(43) - As taxas de natalidade nas cidades são geralmente inferiores àquelas apresentadas em áreas rurais.

(44) - Paul Hugon - op. cit. pág. 203

região, tornando cada vez menos suportáveis a permanência nas áreas desfavorecidas e atuando, de certa forma, como estímulo às migrações internas.

Aqui tem papel relevante a constituição ou ampliação da rede de transportes, no leste e nordeste do Brasil. Inicialmente, diz Juarez Brandão Lopes,<sup>(45)</sup> os contingentes nordestinos vinham por via marítima; finalmente chegou, com a estrada de rodagem transnordestina, a era do caminhão e dos "pau-de-arara" o que contribuiu, em certa medida, para aumentar o volume dos fluxos migratórios.

É interessante observar que as migrações nordestinas para fora da região de fenômeno periódico passa a ser contínuo. O sociólogo L.A. Costa Pinto chega a falar do aparecimento de uma ideologia de migração que consiste na generalização da idéia de que "sair é melhorar". Diz ainda o referido autor que a emigração de um indivíduo, antes vista pela família como uma desgraça, hoje, ao contrário, é encarada como uma esperança de melhores dias; os que ficam esperam que o esposo pai, irmão ou parente lhes enviem da grande cidade os meios para partirem também.

---

(45) - Cf. Juarez Brandão Lopes - Desenvolvimento e Mudança Social. pág. 59

#### 4 - O PROCESSO DE MIGRAÇÃO NA BAHIA E O CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU

##### 4.1 - Aspectos da industrialização na Bahia

Na região Nordeste, os estados de Pernambuco e Bahia são os que apresentam os mais altos índices de industrialização; graças a uma série de vantagens oferecidas pelos órgãos federais e apresentadas sob a forma de incentivos fiscais, sistemas de crédito e financiamento, essas unidades da federação e, sobretudo, suas capitais passaram a se constituir polos de desenvolvimento industrial.

A localização geográfica da Bahia, o seu sistema de escoamento seja rodoviário, marítimo e ferroviário e a existência de recursos naturais diversificados ofereciam amplas possibilidades para se implantar ali um parque industrial. O desenvolvimento do setor secundário no Estado, hoje cada vez mais crescente, teve início na década de 60, ainda que a década anterior tenha contribuído de forma decisiva para estabelecer as bases da industrialização que ora se processa; foi nesse período (nos anos 50) que tiveram início as atividades da PETROBRÁS, o funcionamento da Hidro-Elétrica de Paulo Afonso, ao lado da criação da SUDENE e do Banco do Nordeste.

A criação de polos industriais no Nordeste resultou na alteração do quadro dos movimentos migratórios no Brasil. Os dados do Censo de 70 mostram que os movimentos migratórios

de caráter intra-regional têm sido substancialmente maiores que aqueles inter-regionais. Tal situação tem significado preciso. É que a pressão migratória já não é tão forte para os centros tradicionais de Rio de Janeiro e São Paulo desde quando os centros urbanos regionais, na medida em que se industrializam passam a se constituir em polos de atração.

O caso de Salvador, capital do Estado da Bahia, é típico dessa situação. O processo crescente de industrialização, entre outros fatores, teve como resultado o vertiginoso crescimento populacional da cidade, conforme se pode ver no quadro abaixo:

Crescimento populacional de Salvador

População de Salvador							
1872	1890	1900	1920	1940	1950	1960	1970
129109	174412	205813	283422	290443	417235	635971	1027142

Fonte: Anuário Estatístico do Brasil e Sinopse Preliminar do Censo Demográfico - 1970

Comparando os dados dos Censos de 1960/1970 podemos verificar que, além de Salvador, alguns municípios de sua área metropolitana apresentaram um crescimento populacional bastante significativo, crescimento que pode ser explicado, em grande parte, pela proliferação de indústrias na área. Os municípi

os de Camaçari e Simões Filho ilustram bem essa situação.

Crescimento populacional de Camaçari e Simões Filho

Municípios	População	
	1960	1970
Camaçari	21 849	34 281
Simões Filho	9 953	22 202

Fonte: Sinopse Preliminar do Censo Demográfico  
1970

Salvador, embora não tenha funções de metrópole semelhante às de São Paulo e Rio de Janeiro, teve seu parque industrial consideravelmente ampliado nesses últimos anos, o que contribuiu para transformar a cidade em metrópole regional exercendo sua influência em todo o território baiano e, até mesmo, em estados vizinhos.

O Centro Industrial de Aratu constitui, hoje, o principal polo de concentração industrial do Estado. Estando ele diretamente ligado ao objetivo específico de nosso estudo deixa-lo-emos à parte para ser tratado num item especial.

Contíguo à área do CIA começou a formar-se um aglomerado industrial espontâneo que se transformou, depois de alguns anos, no Centro Industrial de Camaçari, área que apresenta uma série de fatores favoráveis à implantação de empresas

industriais, sobretudo aquelas ligadas ao setor petroquímico. "Quando se iniciou a construção do CIA a perspectiva então existente para o município de Camaçari era a de que permaneceria como área de influência e não mais que isto, seu destino subordinando-se ao comportamento de Aratu como polo dinamizador da região. Entretanto, pela interferência de fatores vários, naturais e espontâneos, tal perspectiva não se concretizou. Ao invés, começou a afirmar-se em Camaçari a existência de um parque industrial autônomo (...). Obviamente a tendência futura será a interação que o planejamento desde já está considerando entre Aratu e Camaçari (...) Interação entre 2 polos autônomos". (46)

Outras áreas do Estado ainda que não possuam índice de industrialização tão elevados quanto as anteriores, apresentam, de certo modo, concentrações industriais significativas na economia baiana.

O município de Feira de Santana, por exemplo, pela sua localização geográfica e por se constituir num ponto de convergência das rodovias que ligam grande parte do interior baiano à capital do Estado, tornou-se um centro econômico onde se desenvolveu uma pequena concentração de indústrias. As possibilidades para este município aumentaram consideravelmente com a construção da rodovia BR-324 (Rio-Bahia) favorecendo, as

---

46 - Secretaria de Indústria e Comércio - Planejamento indus-trial de Camaçari. Diagnóstico preliminar e Termos de re  
ferência. pág. 1

sim, as condições de crescimento e expansão da economia local que culminou com a criação do primeiro distrito industrial do estado - o Centro Industrial Subaé - sobre o qual faremos comentários mais adiante.

Cruz das Almas e Maragogipe, municípios ligados à economia fumageira, são "áreas que apresentam uma situação típica de atividade industrial totalmente vinculada e dependente do setor primário, o que marca profundamente sua configuração". (47)

Ilhéus, Itabuna (zona cacauceira), Vitória da Conquista e Jequié (zona de pecuária) são importantes centros urbanos do estado da Bahia. Nos dois primeiros o setor secundário acha-se de certa forma "sufocado pela rentabilidade e prestígio da empresa rural". (48) Em Conquista e Jequié a indústria sofre os mesmos efeitos de restrição por parte do setor primário, só que decorrente não mais da agricultura cacauceira e sim da atividade pecuária. Ainda assim a industrialização vem tentando, com algum êxito, romper esse quadro, o que certamente será possível com a implantação de distritos industriais em municípios de cada uma dessas áreas, Ilhéus e Vitória da Conquista, respectivamente.

---

47 - Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social - Mão de Obra Operária-Industrial pág. 4

48 - Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social - op. cit. pag.

A existência desses núcleos industriais, espalhados pelo interior do Estado, aliada à preocupação do governo em descentralizar e interiorizar o setor industrial na Bahia foram fatores que motivaram um trabalho de seleção e implantação de distritos industriais nessas áreas com o objetivo de criar pequenas e médias empresas, aproveitando a matéria prima local e absorvendo o contingente de mão de obra do interior.

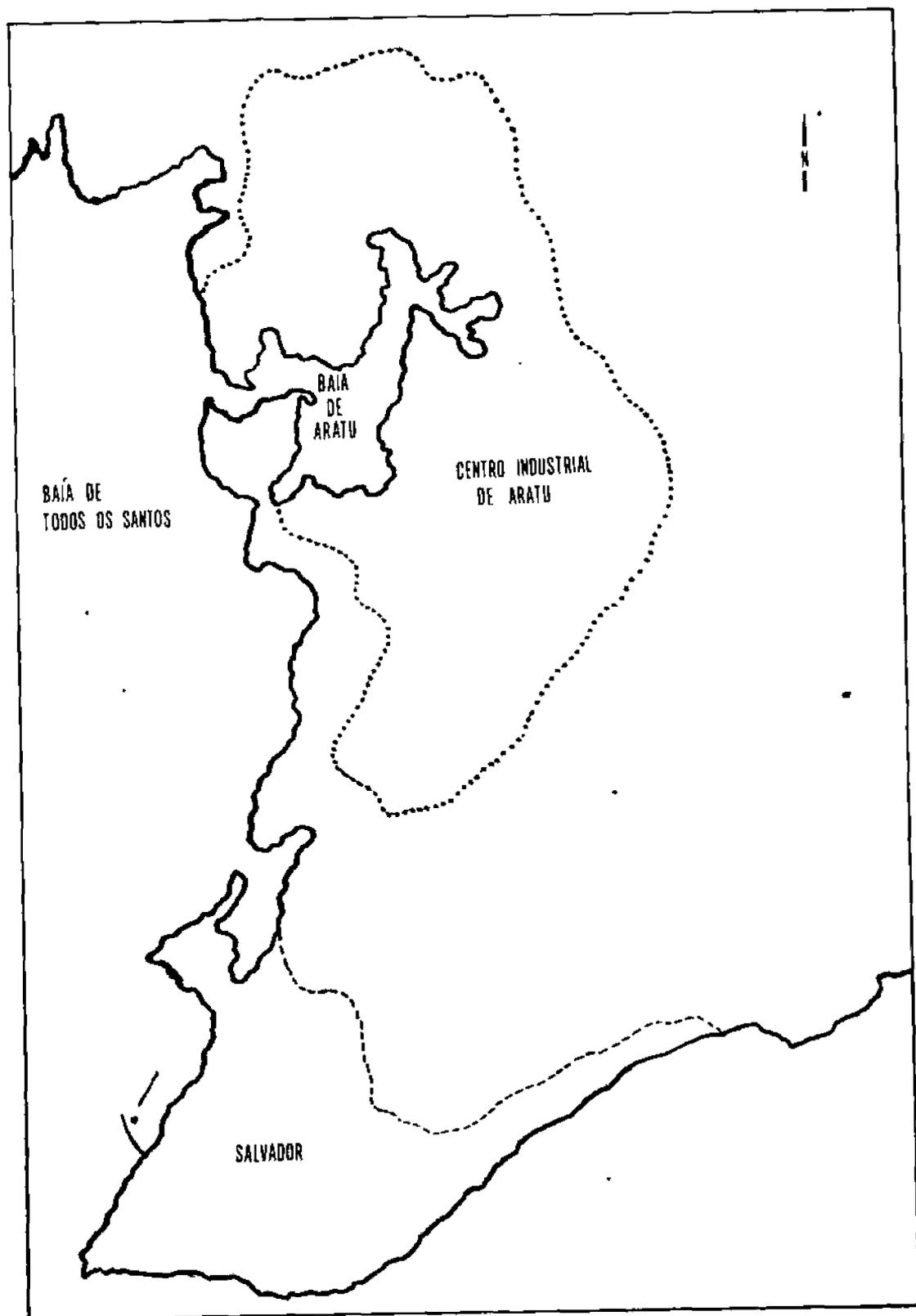
A primeira experiência nesse sentido foi o Centro Industrial Subaé situado no município de Feira de Santana a 108 km de Salvador. Para implantação dos demais distritos foram selecionados 4 municípios baianos - Ilhéas, Vitória da Conquista, Jequié e Juazeiro - que, em suas áreas de influência, atuam como capitais regionais.

#### 4.2 - O Centro Industrial de Aratu - CIA

A seleção de áreas para criação de centros industriais é feita, geralmente, com base nas vantagens especiais existentes em função de recursos naturais, infra-estrutura disponível ou mão de obra especializada de modo a tornar economicamente viável o empreendimento que vem a se constituir numa alternativa conveniente ao desenvolvimento de uma cidade, Estado ou região.

Baseando-se em tais critérios os Governos Federal e Estadual, decidiram numa ação conjunta criar um polo industrial próximo à cidade do Salvador (vide gráfico 1), proporcionando condições e vantagens, com o objetivo de estimular os

# GRÁFICO I LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU



investimentos industriais na área.

Uma das primeiras medidas concretas tomadas neste sentido foi o Decreto de nº 15 432, baixado pelo Governo do Estado e datado de 10 de fevereiro de 1965, pelo qual ficavam assegurados ao centro, já então denominado Centro Industrial de Aratu, os recursos indispensáveis à sua implantação, constituídos de 25% das indenizações pagas pela Petrobrás ao Estado, sobre a produção local de petróleo e gás natural.<sup>(49)</sup>

A escolha do Estado da Bahia para implantação de centro industrial não se efetuará de maneira arbitrária, já que, segundo dados encontrados no Plano Diretor do Centro Industrial de Aratu, existiriam ali vantagens especiais para o investimento na área, aqui discriminadas de forma sintetizada:

- a) situação geográfica do estado;
- b) variedade de recursos naturais, minerais e agrícolas;
- c) possibilidades no que diz respeito ao desenvolvimento de um parque petroquímico;
- d) mercado em expansão para produtos manufaturados e de consumo final;
- e) variedades de fontes de energia;
- f) sistema viário (A Bahia integra-se às diversas

---

49 - O CIA foi criado pela Lei Estadual nº 2321 de 11 de fevereiro de 1966, abrangendo uma área de 436 km<sup>2</sup>.

regiões do país através das rodovias: BR-116 e BR-101 - Centro-Sul; BR-242 - Centro-oeste; BR-101, BR-116 e BR-110 interligam Salvador a todas as capitais do Nordeste).

Informa, ainda, o Plano Diretor do CIA encontrar na área de Aratu um conjunto de condições excepcionalmente favoráveis<sup>(50)</sup> a uma grande concentração industrial, daí a escolha dessa área para instalação do centro; tal decisão encontra justificativa nos seguintes fatores:

- a) possibilidade de suprimento de água de superfície e de subsolo;
- b) oferta de derivados do petróleo e gás natural;
- c) proximidade de Salvador e de outros núcleos populacionais, possibilitando a oferta de serviços especializados existentes naqueles centros urbanos;
- d) oferta elástica da terra;
- e) recursos industriais existentes ou em implantação, já consideráveis;
- f) existência de alguns núcleos habitacionais que podem suprir mão de obra com deslocamento em condições usuais, por trem e ônibus.<sup>(51)</sup>

O objetivo fundamental do CIA seria, assim, assegurar uma oferta elástica e estável de terrenos industriais em

50 - Essas condições favoráveis atraíram várias indústrias para a área de Aratu, mesmo antes de instalado o Centro Industrial.

51 - Cf. Plano Diretor do CIA.

área bem situada, racionalmente zoneada (vide gráfico 2) e e quipada, oferecendo às indústrias excelentes condições de com petitividade, pelas vantagens iniciais de implantação e baixos custos de operação.

As condições da área atraíram grande número de empresários que, motivados pelas vantagens oferecidas, resolveve ram investir no CIA. A configuração do quadro atual do CIA, a presentada nos quadros que se seguem, demonstra claramente tal situação:

Quadro atual de empresas no CIA

Situação das empresas	Número de empresas	Mão de obra ocupada
Em produção	57	10 740
Em implantação	25	3 563
Total	82	14 303

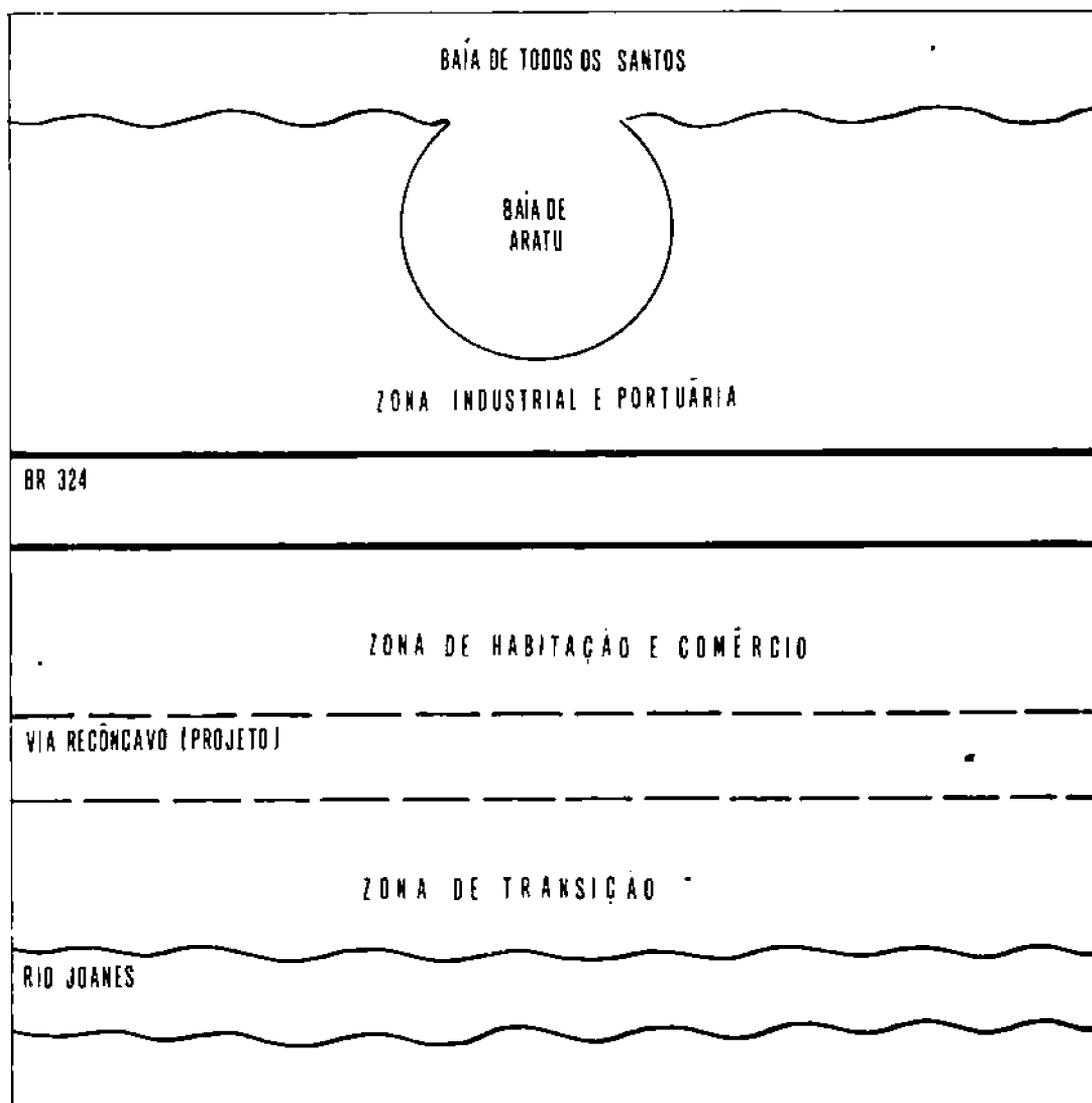
Fonte: Assessoria de Planejamento do CIA

Quadro atual de projetos - CIA

Situação dos projetos	Número de projetos	Mão de obra
aprovados	12	1 514
em análise	11	1 931
em elaboração	41	5 314
sigilosos	24	1 770
Total	88	10 529

Fonte: Assessoria de Planejamento do CIA

# GRÁFICO II ZONEAMENTO DO CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU



ZONA INDUSTRIAL 7 500 HA

ZONA PORTUÁRIA 1300 HA

ZONA DE HABITAÇÃO E COMÉRCIO 8800 HA

ZONA DE TRANSIÇÃO 9000 HA

FONTE. PLANO DIRETOR DO CIA

#### 4.3 - O movimento migratório em função do CIA observado através do Núcleo Habitacional Rubens Costa

##### 4.3.1 - O Núcleo Rubens Costa

Já no Plano Diretor do Centro Industrial de Aratu constava a criação de "áreas de habitação nas proximidades das zonas industriais, principalmente para alojar operários fabris, cuja produtividade aumenta com a menor distância e a facilidade de acesso ao local de emprego, e com melhores condições ambientais de habitação e trabalho. Também se deverá prever habitação para os empregados de serviços diversos, pois é de se esperar que toda uma população se deslocará para a região, em caráter permanente. Ademais, uma das consequências importantes do CIA será aliviar Salvador das migrações que fazem crescer sua população marginal o que importa na conveniência de que a área do Centro possa fixar o maior número de famílias, e assim constituir um mercado de mão de obra local o mais numeroso e mais variado que seja economicamente viável para estimular as indústrias. Isto é, o esforço que necessariamente terá de ser feito para alojar esse incremento da população, deve ser aplicado na proximidade do novo mercado de trabalho - onde é possível dar uma orientação ao povoamento - e não na cidade, onde já predomina o subemprego." (52)

Assim, o plano de urbanização na área industrial de Aratu, já em execução, procura atender às seguintes finalidades;

a) cumprimento das diretrizes do planejamento ur  
bano-industrial no CIA;

b) redução do deficit habitacional na área, na  
faixa de população de baixa renda;

c) evitar as pressões habitacionais sobre o cen  
tro de Salvador,

d) garantir ao CIA a imprescindível infra estru  
tura de serviços urbanos;

e) localizar a mão de obra próxima ao local de  
trabalho com orientação racional do povoamento. (53)

Segundo o Plano Diretor do CIA, uma área de 8800  
ha de terra (regiões mais altas que se encontram a leste da  
BR-324) estaria reservada para a zona de Habitação e Comércio.  
Tal zona deveria reunir as unidades urbanas que centralizariam  
as principais atividades de comércio. Tal zona deveria reunir  
as unidades urbanas que centralizariam as principais atividades  
de comércio, educação e serviços sociais diversos.

O Núcleo Habitacional Rubens Costa, instalado na  
área, constituiu a etapa inicial da programação do CIA no se  
tor habitacional com a construção de 800 casas. Projetado pe  
la URBIS (Habitação e Urbanização da Bahia S/A) e financiado pe  
lo BNH (Banco Nacional de Habitação) e BID (Banco Interamerica  
no de Desenvolvimento) começou a funcionar em março de 1970.

---

53 - Cf. Assessoria de Programação e Orçamento do CIA. As van  
tagens de Aratu - pág. 30/31

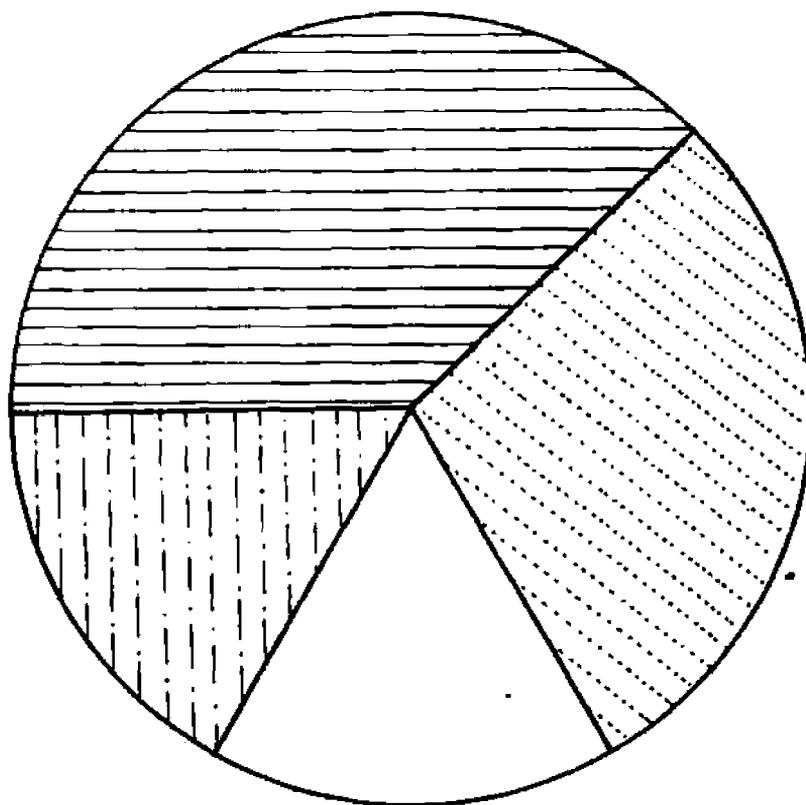
A segunda etapa do plano de habitação encontra-se em fase de execução; 1200 unidades residenciais estão sendo construídas. Além disso, acham-se em fase de estudo, projetos para a construção de 2 pequenos núcleos: no primeiro deles número de unidades habitacionais poderá oscilar entre 300 a 500 residências, sendo que outro, especialmente para executivos, possuirá de 50 a 100 residências.

#### 4.3.2 - Procedência da população residente

Em qualquer estudo de migração é importante conhecer a trajetória do migrante, o itinerário percorrido desde a partida da área de origem até a área de chegada que, no nosso caso, foi o Núcleo Habitacional Rubens Costa do Centro Industrial de Aratu. O volume de migrantes, as razões de migração são também aspectos de grande interesse para o nosso estudo.

Na análise do Núcleo Habitacional do CIA vimos que os operários sorteados na amostra procedem, em sua maioria, dos municípios do Recôncavo baiano perfazendo um total de 36,5% (vide gráfico 3). Aliás, é a região do Recôncavo a mais populosa do Estado da Bahia. Um quinto da população acha-se aí concentrada. No período 50/60 houve um incremento substancial na população urbana dessa área, decorrente do êxodo rural ou da transferência de contingentes populacionais de outras zonas fisiográficas para as cidades do Recôncavo; o afluxo demográfico, nesse período, foi resultado do processo de industrialização.

# GRÁFICO III PROCEDÊNCIA DA POPULAÇÃO DO NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA



LEGENDA:



MICRO-REGIÃO DO RECÔNCAVO (1), BAHIA - 37 %



OUTROS ESTADOS - 17 %



SALVADOR, BAHIA - 29 %



OUTRAS MICRO-REGIÕES, BAHIA - 17 %

(1) EXCLUSIVE SALVADOR

FONTE: LEVANTAMENTO DE CAMPO

zação nas áreas petrolíferas.

Embora a cidade de Salvador também esteja incluída no Recôncavo, decidimos deixá-la à parte para efeito de análise. Sua contribuição é bastante significativa pois segundo os dados colhidos durante o levantamento de campo 29,04% nasceu nesta cidade.

Considerando o Centro Industrial como um polo de atração de migrantes, podemos afirmar que sua influência é efetivamente exercida sobre a população circunvizinha dos municípios do Recôncavo. Aí, as estradas de ferro e de rodagem, estas em grande parte asfaltadas e contando com linhas regulares de onibus, facilitam a mobilidade da população pela região.

Muitos dos trabalhadores industriais procedem das micro regiões de Feira de Santana, Jequié e, em menor escala, do Agreste de Alagoinhas e outras cujos dados podem ser vistos na tabela II.

Os resultados obtidos por Jacqueline Beaujeu Garnier, quando de uma pesquisa realizada sobre migrações para Salvador, foram confirmados no nosso levantamento com referência à significativa contribuição do Recôncavo, Feira de Santana e Jequié como regiões que fornecem migrantes para Salvador. Com relação à primeira delas, assim se expressa a autora: "é a região mais próxima de Salvador, a mais povoada, a mais valorizada, a melhor servida pelos meios de comunicação diretos, que se revela como a grande fornecedora das migrações para a métropole". (54)

---

54 - Jacqueline B. Garnier - "As Migrações para Salvador" in Boletim Baiano de Geografia - pág. 524

Do total de operários sorteados na amostra, 57 deles tem como área de origem outros estados do Brasil (vide gráfico 4). E aqui poder-se-ia fazer duas considerações de acordo com a procedência destes indivíduos: a presença de nordestinos- paraibanos, pernambucanos, cearenses, alagoanos e, sobretudo, sergipanos<sup>(55)</sup> - poderia, até certo ponto, ser explicada como uma atração de Salvador e, por que não dizer, do seu parque industrial.

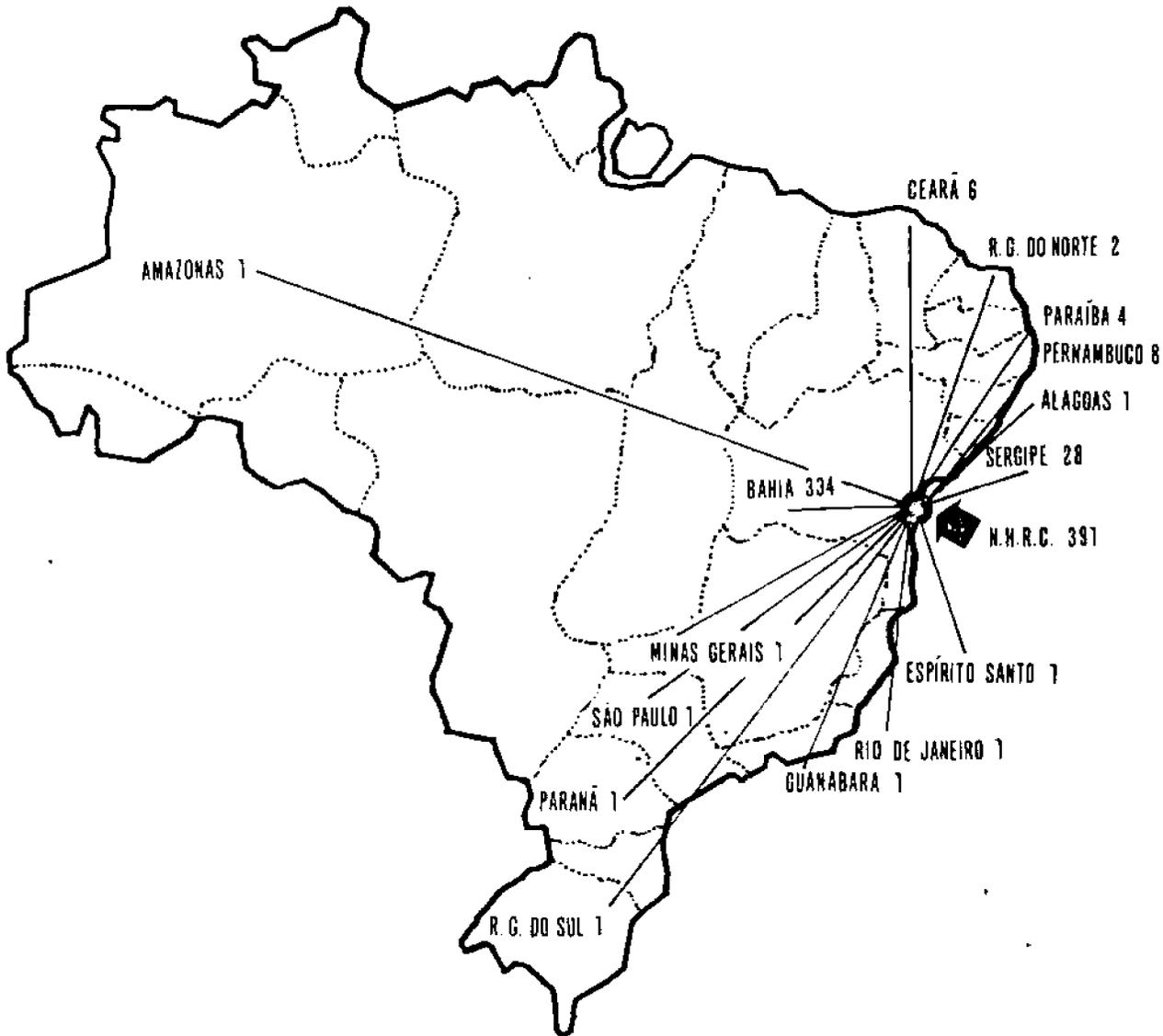
No segundo caso, estão englobados aqueles procedentes do sul e sudeste do país: Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Espírito Santo. Estes, em número bastante reduzido, quando consultados a respeito da motivação para trabalhar no CIA alegaram, em sua maioria, a ordem de transferência de suas respectivas matrizes para assessorar a implantação das filiais na área. Os motivos da migração foram, portanto, inteiramente diversos daqueles referidos pelos nordestinos cuja saída foi, em larga escala, motivada pela expectativa de melhores condições de vida e de trabalho em Salvador.

Conhecida a área de origem de nossos entrevistados, seria interessante acompanhar a trajetória de todos eles,

---

55 - Dos trabalhadores provenientes de outros estados do Brasil a grande maioria tem como estado natal Sergipe. Aliás, os dados colhidos no Recenseamento de 70, demonstram o quanto é forte o fluxo migratório de Sergipe para Salvador. Veja-se por exemplo, que das 60 713 pessoas não naturais do estado da Bahia e residentes em Salvador, 20 664 têm Sergipe como estado natal.

# GRÁFICO IV PROCEDÊNCIA DA POPULAÇÃO DO NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA



FONTE: LEVANTAMENTO DE CAMPO

até a chegada ao Núcleo do CIA. Entretanto, dificuldades encontradas durante o período de levantamento de campo levou-nos a reduzir o número de informações. De maneira alguma queremos dizer que elas não sejam importantes. Consideramo-las fundamentais, apenas em nosso caso, tornou-se impossível trabalhar esses dados. Assim, conhecida a cidade natal, obtivemos também informações referentes ao local de última residência dos trabalhadores, antes da fixação no Núcleo.

Constatamos, pela análise dos dados, que grande parte dos trabalhadores, antes de chegar ao Núcleo, tinha como residência a cidade do Salvador (64,70%), estando incluídos nesses grupo os que ali nasceram e aqueles que migraram para aquela cidade. Tal situação pode ser explicada, em grande parte, pelo fato de ter sido Salvador a cidade onde mais se fez publicidade em torno do CIA e, porque, sendo ela a capital do estado, aí poder-se-ia encontrar mais facilmente, toda uma gama de informações a respeito da nova frente de empregos criada com a implantação do CIA.

Em segundo lugar, acham-se aqueles provenientes de cidades do Recôncavo, particularmente as que estão mais próximas do Centro Industrial, e já caracterizadas por alguma concentração industrial como, por exemplo, Camaçari, Candeias, Catu, Madre de Deus, São Sebastião do Passé e Simões Filho. (56) Em menor escala, indivíduos procedentes de outras regiões do es

---

56 - Mais adiante veremos que a maioria dos nossos entrevistados já se encontrava vinculado ao setor secundário.

tado (vide tabela III) vieram diretamente para o Núcleo sem pas sar por Salvador ou outros municípios mais próximos do Centro Industrial.

Com relação ao tempo de permanência no local de residência anterior ao Núcleo, achamos aconselhável dividi-lo em dois períodos. Sendo o objetivo do trabalho tentar medir a té que ponto o Centro Industrial de Aratu vem se constituindo num polo de atração, tomamos como ano-base aquele de sua implan tação para dividir esses dois períodos. Assim, aqueles que ti veram como último local de residência Salvador ou municípios do Recôncavo próximos da área do CIA e aí permaneceram num período inferior a 7 anos, podem ter efetuado a migração para essas áreas motivados pela oferta de empregos criada com a implanta ção do CIA (Quando de análise dos dados que apontam as razões que levaram os entrevistados a trabalhar no CIA, tal situação pode ser vista de forma mais clara e mais objetiva).

Importante também é conhecer as atividades descon volvidas assim como o setor da economia a que se achavam liga dos antes da fixação no Núcleo. A análise dos dados demonstrou que o número de operários que já se achava vinculado ao setor secundário da economia era bastante expressivo, correspondendo a 60,35% do total. Aqui também estão incluídos os casos de transferência da empresa matriz para a filial do CIA e aqueles operários que já trabalhavam em empresas instaladas na área, antes mesmo da criação do Centro Industrial. Através de entrevi stas realizadas observamos que, entre os demais, alguns trabalha vam em pequenas empresas desempenhando tarefas de caráter muito mais artesanal que industrial.

Dos operários do CIA que residem no Núcleo, sorteados na amostra, 17,15% achavam-se ligados ao setor terciário incluindo aqueles que trabalhavam no comércio, seja como empregados ou por conta própria e em serviços de modo geral. Aliás, desenvolver atividade por conta própria como o comércio, por exemplo, é parte de um padrão de independência econômica difundido no Brasil entre os que vêm da lavoura e os que vivem em pequenas cidades. O trabalho por conta própria representa um valor cultural muito grande para as camadas mais baixas da população. (57)

Uma parcela de 8,44% ingressou na força de trabalho recentemente como operários das empresas instaladas no CIA; nessa faixa é significativa a concentração de jovens.

Finalmente, uma referência àqueles que vieram do setor agrícola e que na tabela IV representa um percentual irrelevante de 2,30%. Aqui é importante salientar que essa vinculação à agricultura diz respeito à ocupação anterior ao trabalho no CIA. Se, ao contrário, tomarmos como referência a área de origem da população estudada vamos ver que, entre os baianos, (vide tabela V) quase 30% é proveniente de áreas rurais. Aliás, prevendo a corrida do campo para a cidade em função da criação do CIA, os planejadores do Centro Industrial reservaram uma área denominada "zona de transição" ao lado da faixa habitacional destinada a "atividade horti-granjeiras de apoio ao CIA, ou

---

57 - Cf. Juarez B. Lopes - Sociedade Industrial no Brasil, pág. 36.

a reflorestamento. Estima-se que a presença de atividade agrícola ao lado da faixa habitacional, amenizará as condições ambientais das unidades vicinais, além de supri-las de alguns artigos. Facilitará, também, a transição do homem de uma vida agrícola, em que se formou, para um meio urbano-industrial.<sup>(58)</sup>

Uma síntese das condições da agricultura no Estado da Bahia particularmente no Recôncavo, fornecerá elementos para explicar os fatores que contribuíram na expulsão dessa população de origem rural.

O centro da atividade econômica na Bahia, apesar do crescimento industrial verificado nos últimos anos, continua sendo o setor primário, ou mais precisamente a atividade agrícola. Tal atividade caracteriza-se pelas grandes propriedades - os latifúndios monocultores - ou pela expressiva fragmentação das terras - os minifúndios - que, como os primeiros, são igualmente improdutivos.<sup>(59)</sup> Ao lado deste aspecto de ordem estrutural outros fatores concorrem para que a produtividade agrícola não apresente índices considerados satisfatórios, quais sejam, as formas tradicionais de relação de trabalho, a falta de especialização da mão de obra ocupada (empregando técnicas rudimenta-

---

58 - Plano Diretor do CIA - cap. III, pág. 6

59 - Um estudo sobre êxodo rural na Bahia aponta como fator repulsor do campo, entre outras coisas "as superfícies grandes demais e cinsuficientemente desenvolvidas economicamente, do que resulta o regime dos latifúndios improdutivos, assim como o das propriedades pequenas demais para serem produtivas".

Paul Hugon - op. cit. pág. 196

res de cultivo do solo, geralmente à base do empirismo), a exploração da terra sem o necessário emprego de adubos e fertilizantes para superar o seu desgaste, a baixa remuneração do trabalho agrícola e, ainda o sistema limitado de financiamento agrícola impossibilitando uma modernização da lavoura. Este é, em linhas gerais, o quadro da agricultura na Bahia.

A zona do Recôncavo não se constitui uma exceção à regra. Aí, a atividade agrícola, particularmente voltada para o setor de exportação depende de centros externos para colocação de seus produtos, estando, por isso mesmo, sujeita às frequentes oscilações deste mercado externo. Ao lado de uma agricultura de exportação há um setor de economia de subsistência, de grande fragilidade e sempre relegado a segundo plano, visto estarem as melhores terras sempre ocupadas pelas lavouras de exportação além de competir em desigualdade de condições com o setor exportador na obtenção de financiamento para investir no setor.

O setor de exportação, no Recôncavo, está representado pelas economias canavieira e fumageira. "A monocultura açucareira, elemento propulsor de toda a área mais extensa e mais representativa do Recôncavo encontra no massapê um solo ideal; no sistema de propriedade - as sesmarias - um ponto de partida excelente para o seu crescimento. A produção para a exportação vai se adequar e integrar no sistema capitalista mercantil mundial".<sup>(60)</sup> Tal situação perdura por muito

---

60 - Zahidé Machado Neto - Quadro Sociológico da Civilização do Recôncavo - pág. 7

tempo até que se dá "uma ruptura de grandes proporções com a abolição." (61) A atividade açucareira que teve sua fase áurea de expansão e apogeu, começa, a partir de então, a entrar em declínio. As crises se sucedem. Apesar de algumas tentativas para superá-las verifica-se, algum tempo depois, o colapso da economia açucareira que hoje sobrevive no Recôncavo graças a uma política protecionista do governo.

A lavoura do fumo também tem papel relevante na economia do Recôncavo, sendo uma atividade agrícola, assim como o açúcar, organizada em função de um mercado exterior. Ao contrário da cana de açúcar a atividade fumageira se desenvolveu em pequenas propriedades de terra, verificando-se nessas áreas "relações de trabalho que em muito pouco diferem da comum parceria no aluguel da terra, cabendo sempre ao proprietário desta as funções de concentrar o produto que ele estoca e vende aos trapiches ou diretamente às fábricas". (62) A oferta elástica de mão de obra não estimula aos proprietários de terra, no setor, uma modernização da agricultura. A permanência de tal situação resulta numa baixa produtividade da lavoura fumageira.

Este quadro das lavouras canavieira e fumageira, aqui apresentado de maneira geral, não pode deixar de ter seus efeitos na política de mão de obra, podendo gerar condições favoráveis à emigração dessas áreas. Outro aspecto que determina o clima de insatisfação nas áreas rurais é que o caráter da ativi

---

61 - Zahidé Machado Neto - op. cit. pág. 7

62 - Zahidé Machado Neto - op. cit. pág. 9

vidade agrícola está a exigir uma quantidade maior em determinados períodos após o que rompe-se o vínculo entre empregador e empregado. Já que a maioria dos trabalhadores não têm acesso ao meio assencial de produção - a terra - esses longos períodos de desemprego estimulam o êxodo em direção às cidades, <sup>(63)</sup> sobretudo para o setor industrial onde é crecente a oferta de trabalho, ainda que limitada em face da grande procura. Desses migrantes, os que se ligam ao setor secundário o resultam, provavelmente, de um peneiramento que exclui a grande maioria, sobretudo aqueles que vêm das camadas mais baixas da população rural.

Essa oferta de trabalho na área urbana, ainda que limitada com relação à procura, oferece vantagens em termos salariais no que estimula as migrações do interior do estado. Cabe aqui uma consideração a respeito da questão salarial. A diferença entre os salários pagos na agricultura e aqueles pagos na indústria (bem mais elevados se comparados aos agrícolas) constitui, certamente, o fator mais direto de atração que a cidade exerce sobre o homem rural; entretanto, tal diferença é bastante relativa, pois a sociedade urbana, pelas condições regimas do seu estilo de vida cria uma série de necessidades que representa para o migrante rural uma sobrecarga inexistente no seu antigo orçamento quando habitante do campo.

---

63 - No caso do açúcar, por exemplo, a fragilidade da economia voltada, desde o início da colonização brasileira, para a cultura da cana, não propiciou a formação de núcleos urbanos de economia diversificada, fazendo com que a pressão migratória se fizesse, principalmente, no sentido de Salvador.

#### 4.3.3 - Fatores de migração para o Núcleo do CIA

Um dos aspectos principais do estudo de migração consiste na análise dos elementos que influenciaram e motivaram a saída para outra área. Aqui se observa que os motivos apresentados refletem, de certa forma, aqueles elementos que se constituem fatores de atração do ponto de vista das áreas urbano industriais.

O exame de tais informações revela-nos a predominância de uma motivação econômica ligada à situação ocupacional e expressa sob a forma de "arranjar emprego", "salário mais alto e trabalho melhor", "transferência", "possuir carteira assinada" (vide tabela VI)<sup>(64)</sup>. Portanto, a procura de emprego e, paralelamente, uma boa remuneração que vai refletir no aumento do poder aquisitivo, constituíram as motivações e aspirações mais fortes para os trabalhadores do CIA, residentes no Núcleo. É certo que a situação de assalariado industrial que lhe é assegurada, a participação no mundo urbano, os salários mais altos atuam fortemente como fatores de atração de migrantes, mas, é importante não esquecer que, para aqueles vindos de áreas rurais, os fatores repulsivos atuam fortemente, motivando cada vez mais saídas de áreas rurais para centros urbanos. Analisando a situação real, a atração que a cidade exerce de

---

64 - Tendo escolhido o Núcleo Habitacional como universo de nosso trabalho, explicada está a presença de uma variável - a casa própria - expressa isoladamente ou aliada a outro fator como motivo de ida para o CIA.

corre e depende objetivamente das desvantagens do campo, expressas sob a forma de impossibilidade de acesso ao meio essencial de produção - a terra - e baixa remuneração do trabalho agrícola.

#### 4.3.4 - Caracterização da população do Núcleo

Conhecida a procedência e os motivos que levaram os nossos entrevistados a trabalharem no CIA e residirem no Núcleo, partimos para um conhecimento dessa população, identificando-a nos seus aspectos fundamentais.

Constatamos, pela análise dos dados, a existência de uma população eminentemente jovem com uma participação bastante inexpressiva do sexo feminino (vide tabela VII); o índice reduzido de participação do trabalho feminino não é surpreendente pois, em geral, a oferta de trabalho para mulheres é muito restrita no setor secundário. Aí o trabalho feminino está concentrado em certas atividades onde se consegue utilizar as técnicas aprendidas dentro dos padrões tradicionais de educação feminina.

No caso do CIA, uma pequena parcela acha-se ligada às atividades propriamente industriais, trabalhando como supervisor, auxiliar de inspeção, produção ou escritório, enquanto as demais mulheres ocupam-se nas tarefas de auxiliar de enfermagem, professora ou vice-diretora de escola. Tais ocupações, ainda que não industriais, fazem parte do grande número de empregos criados na área, em função da existência do Centro Industrial de Aratu. As auxiliares de enfermagem, por exemplo,

trabalham nas clínicas (ECO, CATO e Nossa Senhora da Luz) instaladas em três das unidades habitacionais do Núcleo para atendimentos de urgência à toda a população que trabalha no CIA. As demais ocupações femininas estão ligadas ao magistério no Centro Educacional de Aratu, em funcionamento na área do Núcleo.

Das mulheres que trabalham no CIA 60% são solteiras (vide tabela VIII); tomando, entretanto, a totalidade de nossos entrevistados vimos que quase todos são casados; desses, alguns chegaram ao Núcleo sozinhos, mandando buscar a família no local onde residiam anteriormente, depois de se acharem com a vida estabilizada; tal situação é comumente denominada de migração por etapas.

Numa comunidade onde a grande maioria da população se compõe de migrantes é explicável a concentração nessa faixa que engloba os jovens de 18 a 30 anos. E alguns elementos contribuem nesse sentido. Entre os jovens se apresenta uma forte motivação de sair para um novo ambiente uma vez que o seu já não o satisfaz, seja do ponto de vista econômico, social ou cultural. A mudança para outros centros, onde são maiores e melhores as possibilidades de trabalho, é uma tentativa de realizar suas aspirações, dado que a comunidade onde viviam é um mundo incapaz de propiciar-lhes satisfações e esperanças em termos de elevação do nível de vida. Tais condições, aliadas a uma maior disposição para enfrentar situações novas, favorecem a mobilidade do jovem trabalhador para centros urbano-industriais.

Em certas comunidades a migração de jovens pare

ce estar quase institucionalizada, o que significa, por parte das zonas de emigração, a perda do elemento jovem e produtivo. É muito frequente nas zonas rurais o desinteresse da juventude com relação à agricultura, o que cria problemas para tais áreas que se vêm afetadas pelo afastamento dos recursos humanos mais dinâmicos, mais aptos para o trabalho, e a conseqüente permanência no campo de uma população envelhecida o que, de certa forma, limita as possibilidades de mudança e, mesmo, de desenvolvimento.

A incidência significativa na faixa que engloba os operários de 30 a 45 anos de idade poderia ser explicada de certa forma, pela concentração, aí, de pessoas que efetuaram a migração para Salvador ou áreas próximas do CIA em período não muito recente (vide tabela XI). Nas faixas que englobam trabalhadores de menos de 18 anos e mais de 50 anos a incidência é muito pouco expressiva.

A instrução é um importante fator na concorrência pelas oportunidades de trabalho. Aqueles que possuem alguma escolaridade, ainda que seja a nível de curso primário, estão mais propensos à mudança para áreas de concentração industrial. Possuir alguma instrução significa maiores aspirações. Para aqueles provenientes de áreas rurais, a instrução, ainda que mínima, é forte motivação para saídas. Como a escola não constitui um canal de ascensão social na sociedade rural (não existem praticamente posições que possam ser ocupadas pelo trabalhador alfabetizado), para aproveitar os benefícios da escolarização, muitas vezes, não se encontra outra alternativa senão a de abandonar o campo.

Pesquisadores de uma missão do Bureau Internacional do Trabalho em Côte d'Ivoire,<sup>(65)</sup> analisando a relação existente entre a saída do meio rural e nível de instrução da população constataram que, dos analfabetos entrevistados 1 entre 10 deixava o meio rural; em contrapartida, a proporção é seis vezes mais forte entre os que têm algum certificado de estudo. Tais cifras evidenciam a importância do papel da escola como fator de êxodo de zonas rurais. E isso é absolutamente normal quando numa mesma sociedade existem grandes disparidades entre os modos de vida urbano e rural, e o ensino apresenta modelos culturais de tipo essencialmente urbano. Assim, até mesmo a escola primária passa a desempenhar um papel que estimula a mudança e os que a frequentaram encontram, mais que outros, facilidade de passar do mundo rural tradicional ao meio urbano.<sup>(66)</sup>

Nas categorias analfabeto e semi analfabeto (esta categoria quase equivalente à que lhe antecede) a concentração é pouco significativa, o que demonstra um certo nível de exigência, ainda que não muito alto, por parte do sistema industrial referente ao nível de instrução.

---

65 - Louis Roussel - "L'exode rural des jeunes dans les pays en voie de développement" in Revue Internationale du Travail. pág. 284

66 - Inexistindo uma adequação entre o sistema educacional vigente e as necessidades reais em matéria de instrução (que variam de acordo com o contexto) à medida que o ensino se generaliza, há o perigo de se generalizarem também as tendências contrárias às atividades agrícolas e à vida rural.

Entre os operários que se constituíram para nós em objeto de estudo, apenas um declarou possuir curso superior e, mesmo assim, incompleto. Não apenas nesse caso, mas, em muitos outros (a nível de curso primário e secundário), constatamos que a evasão escolar é situação frequente.

O aprendizado profissional dos operários tem um caráter eminentemente informal. Eles, geralmente, não dispõem de formação específica (na categoria "curso técnico" a concentração é de apenas 1,53% do total) e são considerados operários semi-qualificados porque aprenderam as técnicas rotineiras no próprio local de trabalho (vide tabela XII).

Nos serviços semi-qualificados das indústrias tecnicamente mais modernas, as funções do processo de produção foram subdivididas de tal forma que podem ser executadas por pessoa sem qualquer experiência no setor industrial ou sem formação de caráter técnico.<sup>(67)</sup> Por outro lado "a preservação das técnicas informais de qualificação resulta eficiente num outro sentido: o operário que desempenha função qualificada, mas que apresenta baixo nível geral de educação formal e não dispõe de formação profissional específica, não está em condições de enfrentar a concorrência pelos empregos de melhor remuneração nos centros mais desenvolvidos, o que desestimula a emigração dessa força de trabalho. Na verdade, a utilização das técnicas informais fazem parte do mecanismo de defesa do sistema, o qual

---

67 - Cf. Juarez Brandão Lopes = Desenvolvimento e Mudança Social - pág. 64/65

Não pode permitir-se a montagem de uma moderna rede de ensino técnico, sob risco de provocar a elevação de salários ou acentuar a descapitalização pela formação de operários altamente qualificados que irão servir ao parque industrial da região centro-sul". (68)

A questão salarial está diretamente vinculada à situação educacional. Embora o nível de exigência por parte do sistema industrial não seja muito alto, analisando a tabela XIV, observamos que o mercado de trabalho, no setor, acha-se praticamente fechado àqueles que não possuem alguma escolaridade, ainda que seja a nível de curso primário.

Entre os operários do CIA, a concentração por nível salarial manifesta-se com bastante nitidez nas faixas de Cr\$ 200,00 a Cr\$ 500,00 e de Cr\$ 500,00 a Cr\$ 1.000,00; (69) isto significa que eles percebem como remuneração ao trabalho na indústria quantia equivalente ao salário mínimo regional vigente, ou a duas, três e até mesmo quatro vezes esse salário mínimo.

---

68 - Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social - Mão de obra Operario Industrial - pág. 31/32. Vol. I

69 - No caso em estudo as informações no que diz respeito aos níveis salariais ficaram prejudicadas pelo grande número de abstenções. Isso porque sendo o trabalho de campo realizado em dias úteis, os operários achavam-se em seus respectivos empregos, ficando as respostas para preenchimento dos questionários a cargo das donas de casa, que, na maioria das vezes, não tinham condições de informar os salários atuais e, muito menos, os salários anteriores dos operários do CIA. Assim, nesse aspecto, nossa análise ficcu limitada.

Constatamos que os salários mais altos estão reservados aos operários que apresentam um grau mais elevado de instrução; essa abertura em direção a níveis salariais mais altos também se verifica entre aqueles procedentes de outros estados do Brasil.

Salário é, pois, uma variável fundamental num estudo de migração para centros industriais. Uma parcela bastante razoável de nossos entrevistados apontou como motivação para trabalhar no CIA a possibilidade de elevação do nível salarial, o que vem demonstrar, mais uma vez, que os salários do setor secundário atuam fortemente como fatores de mobilidade para centros industriais.

A atração do CIA se exerce mais acentuadamente nas populações de áreas mais próximas, nas quais mais facilmente se observa a difusão de informações sobre um possível mercado de trabalho. Esse raio de ação da influência do CIA na área circunvizinha atingiu, sobretudo, aqueles que já se achavam ligados ao setor secundário. Nesses casos, e são maioria, a migração não foi tão radical; para os que vieram de áreas rurais ou centros urbanos mais atrasados a situação é bem diversa, pois o período de adaptação torna-se mais lento, dado o desnível cultural e econômico existente entre o meio de origem e o meio urbano-industrial.

Para o migrante o setor industrial surge como o mais capaz de lhe oferecer vantagens em termos de salário e o "ideal ocupacional" de trabalhador industrial assalariado lhe aparece como uma meta a atingir.

Vimos, quando da identificação dos motivos de migração, que as razões econômicas (expressas sob a forma de "trabalho melhor", "salário mais alto") são as absolutamente preponderantes. Os motivos manifestos são, portanto, de atração e sempre referentes às vantagens do emprego na indústria. Tais vantagens sempre existem para o migrante, sobretudo o de origem rural, embora, muitas vezes, os fatores repulsivos da área de origem (ainda que não cheguem ao nível de sua consciência) passem a agir mais diretamente, motivando, assim, as saídas.

Resumindo para concluir, as migrações para as áreas onde se acham instalados centros industriais são resultado da combinação dos fatores atrativos que, enfim, atuam paralelamente àqueles considerados repulsivos das áreas de partida dos migrantes. Assim, os centros industriais, na medida em que podem oferecer vantagens em termos de emprego, passam a estimular as migrações internas.

T A B E L A S

TABELA I

NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA  
LOCAL DE NASCIMENTO DA POPULAÇÃO  
1973

ESTADOS	Nº	%
Alagoas	1	0,26
Amazonas	1	0,26
Bahia	334	85,42
Ceará	6	1,52
Espírito Santo	1	0,26
Guanabara	1	0,26
Minas Gerais	1	0,26
Paraíba	4	1,02
Pernambuco	8	2,04
Paraná	1	0,26
Rio de Janeiro	1	0,26
Rio G. do Norte	2	0,50
Rio G. do Sul	1	0,26
São Paulo	1	0,26
Sergipe	28	7,16
TOTAL	391	100,00

FONTE: Levantamento de campo

TABELA II

NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA  
LOCAL DE NASCIMENTO DA POPULAÇÃO

1973

BAHIA - Micro- regiões homogêneas	Nº	
Recôncavo (1)	122	36,53
Salvador	97	29,04
Feira de Santana	19	5,69
Jequié	13	3,89
Agreste de Alagoinhas	14	4,19
Cacaueira	9	2,70
Piemonte da Diamantina	11	3,29
Sertão de Canudos	11	3,29
Outros (2)	19	5,69
Não declarado	19	5,69
TOTAL	334	100,00

FONTE: Levantamento de campo

1 - Exclusive o município de Salvador.

2 - A categoria "outros" engloba as micro-regiões: Tabuleiros de Valença, Planalto de Conquista, Médio São Francisco, Senhor do Bonfim, Litoral Norte Baiano e Serrinha.

TABELA III

NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA

TEMPO DE PERMANÊNCIA NO ÚLTIMO LOCAL DE RESIDÊNCIA

ANTES DA FIXAÇÃO NO NÚCLEO

LOCAL DE ÚLTIMA RESIDÊNCIA ANTES DA FIXAÇÃO NO NÚCLEO	TEMPO DE PERMANÊNCIA							
	+ de 7 anos		- de 7 anos		Não declarado		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Recôncavo <sup>(1)</sup> (Bahia)	11	5,70	35	26,11	32	50,00	78	19,95
Salvador (Bahia)	181	93,78	61	45,52	11	17,18	253	64,70
Agreste de Alagoas (Bahia)	1	0,52	1	0,75	10	15,63	12	3,07
Jequié (Bahia)	-	-	4	2,99	-	-	4	1,03
Cacaucira (Bahia)	-	-	-	-	3	4,69	3	0,76
Feira de Santana (Bahia)	-	-	3	2,23	3	4,69	6	1,54
Piemonte da Diamantina (Bahia)	-	-	2	1,50	2	3,12	4	1,03
Outros <sup>(2)</sup> (Bahia)	-	-	23	17,16	3	4,69	26	6,65
Outros Estados	-	-	5	3,74	-	-	5	1,27
<b>TOTAL</b>	<b>193</b>	<b>100,00</b>	<b>134</b>	<b>100,00</b>	<b>64</b>	<b>100,00</b>	<b>391</b>	<b>100,00</b>

FONTE: Levantamento de campo

1 - Exclusive Salvador

2 - Na categoria "outros" estão englobadas as micro-regiões homogêneas Sertão de Canudos, Litoral Norte Baiano, Interiorana do Extremo Sul da Bahia, Tabuleiros de Valença e Sertão de Paulo Afonso.

TABELA IV

NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA

OCUPAÇÃO ANTERIOR DA POPULAÇÃO SEGUNDO A PROCEDÊNCIA

1973

OCUPAÇÃO ANTERIOR	PROCEDÊNCIA					
	OUTROS ESTADOS		BAHIA		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Agricultura	-	-	9	2,70	9	2,30
Comércio (por conta própria)	45	78,96	191	57,20	236	60,35
Comércio (como assalariado)	2	3,51	18	5,38	20	5,12
Serviços (banco e hospital)	1	1,75	22	6,58	23	5,89
Não trabalhava	2	3,50	31	9,28	33	8,44
Não declarado	5	8,77	41	12,28	46	11,76
TOTAL	57	100,00	334	100,00	391	100,00

FONTE: Levantamento de campo

TABELA V

NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA

PROCEDÊNCIA DA POPULAÇÃO SEGUNDO A ÁREA DE ORIGEM

1973

PROCEDÊNCIA	ÁREA DE ORIGEM							
	URBANA		RURAL		NÃO DE- CLARADO		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Bahia	175	52,40	99	29,64	60	17,96	334	100,00
Outros Esta- dos	50	87,71	-	-	7	12,29	57	100,00
TOTAL	225	57,54	99	25,32	67	17,14	391	100,00

FONTE: Levantamento de campo

TABELA VI

## NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA

PROCEDÊNCIA DA POPULAÇÃO E SUAS RAZÕES PARA TRABALHAR NO CIA

1973

PORQUE RESOLVEU TRABALHAR NO CIA	PROCEDÊNCIA					
	OUTROS ESTADOS		BAHIA		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Arranjou emprego	18	31,57	121	36,23	139	35,55
Salário mais alto, tra- balho melhor	5	8,78	59	17,67	64	16,38
Transferência	13	22,80	3	0,90	16	4,10
Emprego melhor, casa própria	3	5,25	19	5,68	22	5,63
Mudança de família	3	5,25	-	-	3	0,76
Pela casa própria no Núcleo	-	-	12	3,60	12	3,06
Para ter carteira assi- nada	-	-	3	0,90	3	0,76
Outros	-	-	3	0,90	3	0,76
Prejudicado (*)	10	17,57	57	17,06	67	17,15
Não declarado	5	8,78	57	17,06	62	15,85
<b>TOTAL</b>	<b>57</b>	<b>100,00</b>	<b>334</b>	<b>100,00</b>	<b>391</b>	<b>100,00</b>

FONTE: Levantamento de campo

(\*) A categoria "prejudicado" se refere a pessoas que residem no Núcleo mas não trabalham em empresas do CIA, ainda que, em alguns casos, estejam vinculadas ao setor secundário.

tabela VII

NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA

RELAÇÃO ENTRE PROCEDÊNCIA E SEXO DA POPULAÇÃO

1973

SEXO	PROCEDÊNCIA					
	OUTROS ESTADOS		BAHIA		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Masculino	56	15,09	315	84,91	371	100,00
Feminino	1	5,00	19	95,00	20	100,00
TOTAL	57	14,57	334	85,43	391	100,00

FONTE: Levantamento de campo

TABELA VIII  
 NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA  
ESTADO CIVIL DA POPULAÇÃO  
 1973

ESTADO CIVIL	S E X O					
	MASCULINO		FEMININO			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Casado	68	18,83	7	35,00	75	19,20
Solteiro	285	76,82	12	60,00	297	75,95
Viúvo	-	-	1	5,00	1	0,25
Não declarado	18	4,85	-	-	18	4,60
<b>TOTAL</b>	<b>371</b>	<b>100,00</b>	<b>20</b>	<b>100,00</b>	<b>391</b>	<b>100,00</b>

FONTE Levantamento de campo

TABELA IX

NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA

RELAÇÃO ENTRE PROCEDÊNCIA E ESTADO CIVIL DA POPULAÇÃO  
1973

ESTADO CIVIL	PROCEDÊNCIA					
	BAHIA		OUTROS ESTADOS		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Solteiro	68	20,35	7	12,28	75	19,20
Casado	247	71,27	50	87,42	297	75,95
Viuvo	1	3,00	-	-	1	0,25
Não declarado	18	5,38	-	-	18	4,60
TOTAL	334	100,00	57	100,00	391	100,00

FONTE: Levantamento de campo

TABELA X

NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA

IDADE DA POPULAÇÃO SEGUNDO A PROCEDÊNCIA

1973

IDADE	PROCEDÊNCIA					
	OUTROS ESTADOS		BAHIA		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
- 18	1	1,75	6	1,80	7	1,79
18  — 30	26	45,63	154	46,10	180	46,03
30  — 50	27	47,36	150	44,91	177	45,27
50 e +	3	5,26	9	2,70	12	3,07
Não declarado	-	-	15	4,49	15	3,84
<b>TOTAL</b>	<b>57</b>	<b>100,00</b>	<b>334</b>	<b>100,00</b>	<b>391</b>	<b>100,00</b>

FONTE: Levantamento de campo

TABELA XI

NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA

RELAÇÃO ENTRE A IDADE DA POPULAÇÃO E O SEU TEMPO DE PERMANÊNCIA  
NO ÚLTIMO LOCAL DE RESIDÊNCIA ANTES DA FIXAÇÃO NO NÚCLEO

1973

IDADE	TEMPO DE PERMANÊNCIA							
	+ de 7 anos		- de 7 anos		Não de-clarado		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
- de 18	-	-	2	1,49	5	7,81	7	1,80
18  — 30	66	34,20	82	61,20	32	50,00	180	46,04
30  — 50	111	57,52	46	34,33	20	31,25	177	45,27
50 e +	8	4,14	2	1,49	2	3,12	12	3,06
Não declarado	8	4,14	2	1,49	5	7,81	15	3,83
<b>TOTAL</b>	<b>193</b>	<b>100,00</b>	<b>134</b>	<b>100,00</b>	<b>64</b>	<b>100,00</b>	<b>391</b>	<b>100,00</b>

FONTE: Levantamento de campo

TABELA XII

NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA

NÍVEL DE INSTRUÇÃO DA POPULAÇÃO SEGUNDO A PROCEDÊNCIA

1973

NÍVEL DE INSTRUÇÃO	PROCEDÊNCIA					
	OUTROS ESTADOS		BAHIA		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Analfabeto	-	-	2	0,60	2	0,51
Semi-analfabeto	2	3,50	5	1,50	7	1,80
Primário incompleto	10	17,55	54	16,16	64	16,36
Primário completo	21	36,85	121	36,22	142	36,32
Secundário 1º ciclo (incompleto)	9	15,80	42	12,57	51	13,05
Secundário 1º ciclo (completo)	8	14,03	42	12,57	50	12,79
Secundário 2º ciclo (incompleto) *	-	-	10	3,00	10	2,55
Secundário 2º ciclo (completo) *	1	1,75	16	4,80	17	4,35
Superior incompleto	-	-	1	0,30	1	0,25
Curso técnico	2	3,50	4	1,20	6	1,53
Não declarado	4	7,02	37	11,08	41	10,49
<b>TOTAL</b>	<b>57</b>	<b>100,00</b>	<b>334</b>	<b>100,00</b>	<b>391</b>	<b>100,00</b>

FONTE: Levantamento de campo

(\*) - Normal e colegial

TABELA XIII

NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA  
CONDIÇÕES ATUAIS E ANTERIORES DE SALÁRIO DA POPULAÇÃO

1973

SALÁRIO ATUAL (Cr\$)	PROCEDENCIA					
	BAHIA		OUTROS ESTADOS		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
200  — 500	86	25,74	10	17,56	96	24,55
500  — 1000	105	31,43	17	29,82	122	31,20
1000  — 2000	33	9,88	12	21,05	45	11,50
+ de 2000	-	-	6	10,52	6	1,55
Não declarado	110	32,95	12	21,05	122	31,20
<b>TOTAL</b>	<b>334</b>	<b>100,00</b>	<b>57</b>	<b>100,00</b>	<b>391</b>	<b>100,00</b>

FONTE: Levantamento de campo

SALÁRIO ANTERIOR (Cr\$)	PROCEDÊNCIA					
	BAHIA		OUTROS ESTADOS		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
100  — 500	65	19,46	9	15,78	74	18,92
500  — 1000	34	10,17	11	19,29	45	11,50
1000  — 2000	10	3,00	4	7,01	14	3,59
+ de 2000	-	-	-	-	-	-
Não declarado	225	67,37	33	57,92	258	65,99
<b>TOTAL</b>	<b>334</b>	<b>100,00</b>	<b>57</b>	<b>100,00</b>	<b>391</b>	<b>100,00</b>

FONTE: Levantamento de campo

**TABELA XIV**  
**NÚCLEO HABITACIONAL RUBENS COSTA**  
**RELAÇÃO ENTRE NÍVEL SALARIAL E INSTRUÇÃO DA POPULAÇÃO**  
**1973**

SALA RIO Cr\$	NÍVEL DE INSTRUÇÃO																							
	Ana)- fabeto		Semi Alfabeto		PRIMÁRIO				SECUNDÁRIO				Superior (Incom- pleto)	Curso Técnico	Não de- clarado	Total								
					Completo		Incom- pleto		1º Ciclo		2º Ciclo													
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%						
200   500	-	-	4	4,16	20	20,84	42	43,76	4	4,16	7	7,29	1	1,04	3	3,12	-	-	1	1,04	14	14,59	96	100%
500   1000	-	-	-	-	5	4,10	52	42,62	22	18,03	4	3,23	4	3,28	8	6,56	-	-	2	1,64	25	20,49	122	100%
1000   2000	-	-	-	-	-	-	9	20,00	20	44,45	10	22,22	1	2,22	-	-	-	-	3	6,67	2	4,44	45	100%
+ de 2000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	50,00	2	33,33	-	-	1	16,67	-	-	-	-	6	100%
Não decla- rado	2	1,64	3	2,45	35	31,97	39	31,97	5	4,10	26	21,31	2	1,64	6	4,91	-	-	-	-	-	-	122	100%
<b>TOTAL</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>64</b>	<b>142</b>	<b>51</b>	<b>50</b>	<b>10</b>	<b>17</b>	<b>1</b>	<b>6</b>	<b>41</b>	<b>391</b>												

FONT: Levantamento de Campo.

## BIBLIOGRAFIA

- 1 - ALMEIDA, Vicente Unzer e MENDES SOBRINHO, Mario T. - Migração Rural-Urbana. São Paulo. Diretório de Publicação Agrícola da Secretaria de Agricultura. 1957
- 2 - ANDRADE, Manuel Correia de - A Terra e o Homem no Nordeste. São Paulo. Editora Brasiliense. 1964
- 3 - ASSESSORIA DE PROGRAMAÇÃO E ORÇAMENTO DO CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU - Núcleo Habitacional Rubens Costa - pesquisa sócio-econômica. Salvador. 1971
- 4 - AZEVEDO, Fernando de - A Cidade e o Campo na Civilização Industrial e outros estudos. São Paulo. Ed. Melhoramentos. 1962
- 5 - BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S/A - Recursos Humanos e Necessidades do Nordeste. Recife. Departamento de Estudos Econômicos ETENE. 1964
- 6 - BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline - "As migrações para Salvador" in Boletim Baiano de Geografia. Salvador, 1961
- 7 - BLARDONE, Gilbert - Progrès Économique dans le tiers Monde. Paris. Librairie Sociale et Economique. 1972
- 8 - BUREAU INTERNACIONAL DO TRABALHO - "Migrações Internas ligadas às transformações sociais na América Latina" in Processos e Implicações do Desenvolvimento. Coletânea de textos organizada por L.A. Costa Pinto e W. Bazzanella Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1969
- 9 - CAMARGO, José Francisco de - Demografia Econômica. Salvador Livraria Progresso Editora. 1960
- 10 - \_\_\_\_\_ - Êxodo Rural no Brasil. Formas causas e conseqüências principais. Rio Editora Conquistadora. 1960
- 11 - CARDOSO, Fernando Henrique - Conferência realizada na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Semana do Sociólogo. Salvador. 1968
- 12 - CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU - ASSESSORIA DE PROGRAMAÇÃO E ORÇAMENTO. As vantagens de Aratu. 1970

- 13 - DIEGUES JUNIOR, Manuel - Regiões Culturais do Brasil. Rio de Janeiro. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. 1960
- 14 - \_\_\_\_\_ - "Migraciones: causas y problemas del caso brasileño" in APORTES nº 15. Paris, França. 1970
- 15 - DURHAM, Eunice Ribeiro - Participação Social e Migração Rural-Urbana - o caso de São Paulo. Publicação da Universidade de São Paulo. 1971
- 16 - EMPREENDIMENTOS DA BAHIA S/A E HIDROTEC - Plano Diretor do Centro Industrial de Aratu. Salvador, Bahia. 1967
- 17 - FUNDAÇÃO IBGE - Sinopse Preliminar do Censo Demográfico Bahia 1970 - 1971
- 18 - HUGON, Paul - Demografia Brasileira - São Paulo. Ed. Atlas S/A. 1973
- 19 - LOPES, Juarez Rubens Brandão - Desenvolvimento e Mudança Social. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 1968
- 20 - \_\_\_\_\_ - Sociedade Industrial no Brasil. São Paulo. Difusão Européia do Livro. 1971
- 21 - MACHADO NETO, Zahidé - Quadro Sociológico da Civilização do Recôncavo. Salvador. Publicação do Centro de Estudos dos Baianos. 1971
- 22 - MUELLER, P. e E.H.ZEVERING - "Promocion del empleo por el desarrollo rural: proyecto piloto en Nigeria Occidental" in Revista Internacional del Trabajo vol. 80, nº 2. Ginebra. 1969
- 23 - PARISSE, Lucien - "Las favelas en la expansion urbana de Rio de Janeiro: estudio geografico". in America Latina ano 12 1969
- 24 - PROGRAMA DE RECURSOS HUMANOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - A dinâmica populacional de Salvador. Salvador. Edição Programa de Recursos Humanos da UFBA. 1971
- 25 - QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de - Sociologia Rural. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1969

- 26 - ROUSSEL, Louis - "L'exode rural des jeunes dans les pays en voie de développement: réflexiones méthodologiques" in Revue International du Travail vol 101, nº 3. Genève. 1970
- 27 - SANTOS, Milton- O Povoamento da Bahia, suas causas economicas. Contribuição para seu estudo. Bahia. 1949
- 28 - \_\_\_\_\_ - "Localização industrial em Salvador." Separata da Revista Brasileira de Geografia nº 3, ano XX julho/setembro. 1958
- 29 - \_\_\_\_\_ - "A rede urbana do Recôncavo". Comunicação ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. Bahia. 1959
- 30 - SECRETARIA DE INDUSTRIA E COMERCIO - Planejamento industrial de Camaçari. Diagnóstico Preliminar e Termos de Referencia. 1972
- 31 - SECRETARIA DO TRABALHO E BEM ESTAR SOCIAL - Mão de Obra Operário-Industrial. Vol. I. Salvador, Bahia.
- 32 - SECRETARIA DO TRABALHO E BEM ESTAR SOCIAL - Mão de Obra no Setor Primário - cultura do arroz. Salvador, Bahia 1970

## SUMÁRIO

	pág.
1 - INTRODUÇÃO .....	1
1.1 - Idéias diretivas .....	2
1.2 - Aspectos metodológicos .....	3
2 - BASES TEÓRICAS DE APOIO .....	8
2.1 - Quadro tipológico das migrações internas...	8
2.2 - Fatores que se constituem em razões de migração .....	15
2.3 - Os primeiros contatos com a cidade grande e os mecanismos de inserção no mercado de trabalho urbano-industrial .....	20
3 - MIGRAÇÕES INTERNAS NO BRASIL .....	23
3.1 - Histórico .....	23
3.2 - Tipos de migração no Brasil .....	25
3.3 - Fatores de migração no Brasil .....	33
4 - O PROCESSO DE MIGRAÇÃO NA BAHIA E O CENTRO INDUSTRIAL DE ARATU .....	39
4.1 - Aspectos da industrialização na Bahia .....	39
4.2 - O Centro Industrial de Aratu .....	44
4.3 - O movimento migratório em função do CIA observado através do Núcleo Habitacional Rubens Costa .....	48
4.3.1 - O núcleo Rubens Costa .....	48
4.3.2 - Procedência da população residente.	50
4.3.3 - Fatores de migração para o Núcleo..	60
4.3.4 - Caracterização da população do Núcleo .....	61

TABELAS

BIBLIOGRAFIA